



**Universidade Federal do Oeste do Pará  
Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão**

**RESOLUÇÃO Nº 263, DE 20 DE AGOSTO DE 2018.**

*Aprova o Novo Projeto Pedagógico do Curso de Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará.*

**O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**, no uso de suas atribuições conferidas pelo Decreto Presidencial de 19 de abril de 2018, publicado no Diário Oficial da União em 20 de abril de 2018, Seção 2, pág. 1; das atribuições que lhe conferem o Estatuto e o Regimento Geral da Ufopa; em conformidade com os autos do Processo nº 23204.002826/2017-79, proveniente do Instituto de Ciências da Sociedade, e em cumprimento à decisão do egrégio Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe) na 4ª Reunião Ordinária, realizada em 16 de agosto de 2018, promulga a seguinte:

**RESOLUÇÃO**

Art. 1º Fica aprovado o Novo Projeto Pedagógico do Curso de Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará conforme processo nº. 23204.002826/2017-79 .

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

  
**HUGO ALEX CARNEIRO DINIZ**

Presidente do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

**PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM  
ANTROPOLOGIA**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

## Sumário

<b>1. INFORMAÇÕES INSTITUCIONAIS</b> .....	<b>5</b>
<b>1.1. MANTENEDORA</b> .....	<b>5</b>
<b>1.2. MANTIDA</b> .....	<b>5</b>
<b>1.2.1. Identificação</b> .....	<b>5</b>
<b>1.2.2. Atos Legais de Constituição</b> .....	<b>5</b>
<b>1.2.3. Dirigente Principal da Mantida</b> .....	<b>6</b>
<b>1.2.4. Dirigentes da Universidade Federal do Oeste do Pará</b> .....	<b>6</b>
<b>1.2.5. Histórico da Universidade Federal do Oeste do Pará</b> .....	<b>7</b>
<b>1.2.6. Missão Institucional</b> .....	<b>10</b>
<b>1.2.7. Visão Institucional</b> .....	<b>10</b>
<b>1.2.8. Princípios Norteadores</b> .....	<b>10</b>
<b>2. INFORMAÇÕES DO CURSO</b> .....	<b>11</b>
<b>2.1. DADOS GERAIS DO CURSO</b> .....	<b>11</b>
<b>2.2. JUSTIFICATIVA DO CURSO</b> .....	<b>11</b>
<b>2.3. INSERÇÃO INSTITUCIONAL</b> .....	<b>12</b>
<b>2.4. OBJETIVOS DO CURSO</b> .....	<b>14</b>
<b>2.4.1. Objetivo Geral</b> .....	<b>14</b>
<b>2.4.2. Objetivos Específicos</b> .....	<b>14</b>
<b>2.5. FORMA DE INGRESSO NO CURSO E PROGRESSÃO ACADÊMICA</b> .....	<b>15</b>
<b>2.5.1. Cotas</b> .....	<b>16</b>
<b>2.6. PERFIL DO EGRESSO</b> .....	<b>16</b>
<b>2.7. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO EGRESSO</b> .....	<b>17</b>
<b>2.8. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR</b> .....	<b>18</b>
<b>2.9. COMPONENTES CURRICULARES</b> .....	<b>22</b>
<b>2.10. EMENTÁRIO E BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>29</b>
<b>2.10.1. Bibliografia Básica</b> .....	<b>29</b>
<b>2.10.2. Bibliografia Complementar</b> .....	<b>29</b>
<b>2.10.3. Periódicos Especializados</b> .....	<b>29</b>
<b>2.11. ATIVIDADES COMPLEMENTARES</b> .....	<b>30</b>
<b>2.11.1. Objetivos</b> .....	<b>30</b>



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

2.11.2. Carga Horária .....	30
2.11.3. Descrição das Atividades Complementares .....	31
2.11.4. Atividades de Curso .....	32
2.11.5. Atividades de Sala de Aula .....	33
2.11.6. Atividades de Trabalho de Campo .....	33
<b>2.12. ESTÁGIO CURRICULAR .....</b>	<b>34</b>
<b>2.13. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO .....</b>	<b>34</b>
2.13.1 Coordenação e Defesa Do TCC .....	35
<b>2.14. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO.....</b>	<b>36</b>
<b>2.15. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM DISCENTE</b>	<b>37</b>
<b>2.16. PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA. ....</b>	<b>39</b>
2.16.1. Políticas de Ensino .....	39
2.16.2. Políticas de Extensão .....	40
2.16.3. Políticas de Pesquisa .....	41
<b>2.17. ORGANIZAÇÃO ACADÊMICO ADMINISTRATIVA E RECURSOS HUMANOS .....</b>	<b>42</b>
2.17.1. Direção do Instituto .....	42
2.17.2. Coordenação de Curso .....	42
2.17.3. Regime de trabalho do(a) coordenador(a) do curso .....	45
2.17.5. Secretaria Administrativa e Secretaria Executiva .....	45
<b>3. DOCENTES.....</b>	<b>46</b>
<b>3.1. QUADRO DE TITULAÇÃO E FORMAÇÃO ACADÊMICA DOCENTE .....</b>	<b>46</b>
<b>3.2. QUADRO DE PROFESSOR POR DISCIPLINA.....</b>	<b>46</b>
3.2.1. Disciplinas Obrigatórias .....	46
3.2.2. Disciplinas Optativas Obrigatórias.....	48
<b>3.3. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE – COMPOSIÇÃO DO NDE.....</b>	<b>49</b>
<b>4. INFRAESTUTURA .....</b>	<b>50</b>
4.1. SALAS DE AULA .....	51
4.2. INSTALAÇÕES PARA DOCENTES DO CURSO .....	51
4.3. INSTALAÇÕES PARA COORDENAÇÃO DO CURSO .....	51
4.4. AUDITÓRIOS .....	52
4.5. BIBLIOTECA .....	52
4.5.1. Biblioteca do Campus Rondon (Central) .....	52
4.6. LABORATÓRIOS .....	53
4.6.1. Laboratórios de Informática .....	53



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

<b>4.7. CONDIÇÕES DE ACESSO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.....</b>	<b>54</b>
<b>5. INFRAESTRUTURA.....</b>	<b>55</b>
<b>5.1. SEGURANÇA .....</b>	<b>55</b>
<b>5.2. APOIO AOS DISCENTES .....</b>	<b>56</b>
<b>6. ATO AUTORIZATIVO.....</b>	<b>58</b>
<b>7. ANEXOS .....</b>	<b>59</b>
<b>7.1 MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA .....</b>	<b>60</b>
<b>7.2 PORTARIA DE CRIAÇÃO DO CURSO.....</b>	<b>103</b>



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

## 1. INFORMAÇÕES INSTITUCIONAIS

### 1.1. MANTENEDORA

<b>Mantenedora:</b>	Ministério da Educação						
<b>CNPJ:</b>	00.394.445/0003-65						
<b>End.:</b>	Esplanada dos Ministérios, Bloco L.					<b>n.</b>	s/n
<b>Bairro:</b>	Zona Cívico Administrativa	<b>Cidade:</b>	Brasília	<b>CEP:</b>	70.047-900	<b>UF</b>	DF
<b>Fone:</b>	(61) 2022-7828 / 7822 / 7823 / 7830						
<b>E-mail:</b>	gabinetedoministro@mec.gov.br						

### 1.2. MANTIDA

#### 1.2.1. Identificação

<b>Mantida:</b>	Universidade Federal do Oeste do Pará						
<b>CNPJ:</b>	11.118.393/0001-59						
<b>End.:</b>	Av. Marechal Rondon					<b>n.</b>	s/n
<b>Bairro:</b>	Caranazal	<b>Cidade:</b>	Santarém	<b>CEP:</b>	68.040-070	<b>UF:</b>	Pará
<b>Telefone:</b>	(93) 21016502			<b>Fax:</b>	(93) 2101-6506		
<b>E-mail:</b>	<a href="mailto:reitoria@ufopa.edu.br">reitoria@ufopa.edu.br</a> / <a href="mailto:gabinete@ufopa.edu.br">gabinete@ufopa.edu.br</a>						
<b>Site:</b>	www.ufopa.edu.br						

#### 1.2.2. Atos Legais de Constituição

Dados de Credenciamento	
Documento/Nº:	Lei 12.085, de 06 de novembro de 2009
Data Documento:	05 de novembro de 2009
Data de Publicação:	06 de novembro de 2009



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

**1.2.3. Dirigente Principal da Mantida**

<b>Mantida:</b>	Universidade Federal do Oeste do Pará						
<b>CNPJ:</b>	11.118.393/0001-59						
<b>End.:</b>	Av. Marechal Rondon					<b>n.</b>	s/n
<b>Bairro:</b>	Caranazal	<b>Cidade:</b>	Santarém	<b>CEP:</b>	68.040-070	<b>UF:</b>	Pará
<b>Telefone:</b>	(93) 21016502			<b>Fax:</b>	(93) 2101-6506		
<b>E-mail:</b>	<a href="mailto:reitoria@ufopa.edu.br">reitoria@ufopa.edu.br</a> / <a href="mailto:gabinete@ufopa.edu.br">gabinete@ufopa.edu.br</a>						
<b>Site:</b>	www.ufopa.edu.br						

**1.2.4. Dirigentes da Universidade Federal do Oeste do Pará**

**Reitor:** Prof. Dr. Hugo Alex Carneiro Diniz

**Vice-Reitor:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aldenize Ruela Xavier

**Presidente do Conselho Superior:** Prof. Dr. Hugo Alex Carneiro Diniz

**Pró-Reitor de Ensino de Graduação:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Solange Helena Ximenes Rocha

**Pró-Reitor de Planejamento Institucional:** Prof. Esp. Rogerio Favacho da Cruz

**Pró-Reitora de Gestão de Pessoas:** Prof<sup>a</sup>. Ma. Fabriciana Vieira Guimaraes

**Pró-Reitor de Gestão Estudantil:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Cristina Flexa Duarte

**Pró-Reitor de Administração:** Sofia Campos e Silva Rabelo

**Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica:** Pós-Dr. Domingos Luis Wanderley Picanço Diniz

**Pró-reitor de Comunidade, Cultura e Extensão:** Prof. Dr. Marcos Prado Lima

**Diretor do Instituto de Ciências da Sociedade:** Prof. Dr. Jarsen Luis Castro Guimarães

**Coordenador do Bacharelado em Antropologia:** Prof. Dr. Florêncio Almeida Vaz Filho



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

**1.2.5. Histórico da Universidade Federal do Oeste do Pará**

A **Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)** foi criada pela Lei nº 12.085, de 5 de novembro de 2009, sancionada pelo Presidente da República em Exercício José Gomes Alencar da Silva e publicada no Diário Oficial da União (DOU) em 6 de novembro de 2009. É uma instituição de natureza jurídica autárquica, vinculada ao Ministério da Educação (MEC), com o objetivo de ministrar o ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas do conhecimento e promover a extensão universitária. É a primeira instituição federal de ensino superior com sede no interior da Amazônia brasileira, cuja sede está localizada na cidade de Santarém-Pará, terceira maior população do Estado.

É uma universidade multicampi, além de Santarém, foi pactuado com o MEC a implantação de campus nos municípios de Alenquer, Itaituba, Juruti, Monte Alegre, Óbidos e Oriximiná. Em Santarém, existe o Campus Rondon, antigo campus da UFPA e o Campus Tapajós, antigo Núcleo Interinstitucional de Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (NDSA), onde funcionava a Unidade Descentralizada da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA Tapajós) e o Campus Amazônia, localizado em espaço alugado.

A história da UFOPA inicia com o processo de interiorização dos cursos de graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA) em Santarém, efetivamente em 1971, pelo Núcleo de Educação da Universidade Federal do Pará, criado em 14 de outubro de 1970 (Resolução nº 39/1970 – CONSEP–UFPA). Inicialmente, foram ofertados cursos de licenciaturas de curta duração, no período de 1971 a 1973, cujas atividades de ensino foram desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Médio Álvaro Adolfo da Silveira.

O Núcleo de Educação foi reativado em 1980, proporcionando que, no período de 1980 a 1983, fossem realizados novos cursos de licenciatura de curta duração e cursos de complementação de estudos para os professores da rede básica de ensino que já possuíssem a licenciatura de curta duração. Posteriormente, um convênio realizado entre a UFPA e a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) – em 1983 – possibilitou o início do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. As atividades referentes a este curso foram desenvolvidas na Escola Municipal Everaldo de Souza Martins, cedida à UFPA pela Prefeitura



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

Municipal de Santarém, onde hoje funciona a Unidade Rondon da UFOPA.

Em janeiro de 1987 a UFPA começou o processo de interiorização por meio de 8 (oito) campus universitários em municípios considerados polos de desenvolvimento do Pará: Abaetetuba, Altamira, Bragança, Cametá, Castanhal, Marabá, Santarém e Soure. Em cada um deles foram implantados cinco cursos de Licenciatura Plena – Matemática, Letras, Geografia, História e Pedagogia –, todos iniciados em janeiro de 1987. Estabeleceu-se também que os campi teriam como abrangência os 143 (cento e quarenta e três) municípios paraenses. Todos os campi da UFPA foram criados na expectativa de, no futuro, serem transformados em Universidades. Além disso, os cursos lá disponíveis inicialmente funcionavam no período intervalar, com os professores sendo deslocados do campus de Belém.

Com a finalidade de dar um caráter permanente às ações da UFPA no município de Santarém, no princípio da década de 90, deu-se início à implantação de cursos em caráter permanente, com corpo docente próprio.

Em 2000, foi elaborado um projeto de transformação do Campus Universitário da UFPA em Santarém no Centro Universitário Federal do Tapajós, como estratégia para criação da Universidade Federal do Tapajós.

No ano de 2003 começou o processo de interiorização da UFPA com a criação da Unidade Descentralizada do Tapajós (UFPA Tapajós). O Campus da UFPA Tapajós começou a funcionar nas instalações do Centro de Tecnologia Madeireira (CTM) da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), o qual em 20/12/2005 passou a ser denominado de NDSA.

Em 2006, foi apresentado um Projeto Legislativo no Senado Federal, com o objetivo de criar duas Universidades Federais nos Estado do Pará, sendo uma com sede em Santarém e outra com sede em Marabá.

Em solenidade comemorativa aos 50 anos da Universidade Federal do Pará, ocorrida no Teatro da Paz em Belém-Pará, em 2 de julho de 2007, o então Reitor Alex Fiúza de Melo entregou ao Ministro da Educação Fernando Haddad o projeto de criação e implantação da



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

Universidade Federal do Oeste do Pará. Posteriormente, os Ministros da Educação Fernando Haddad e do Planejamento Paulo Bernardo da Silva encaminharam a Exposição de Motivos Interministerial nº 332/2007/MP/MEC ao Exmo. Senhor Presidente da República em 11 de dezembro de 2007. Isso possibilitou que, em fevereiro de 2008, o Projeto de Lei - PL 2879/2008 propondo a Criação da UFOPA fosse enviado ao Congresso Nacional.

A SESU/MEC instituiu a Comissão de Implantação da UFOPA, pela Portaria nº 410, de 3 de junho de 2008, com a finalidade de realizar estudos e atividades para o planejamento institucional, a organização da estrutura acadêmica e curricular, administração de pessoal, patrimônio, orçamento e finanças, visando atender os objetivos previstos no Projeto de Lei nº 2879/2008. O Ministro da Educação instalou a comissão e empossou o seu presidente, Prof. Dr. José Seixas Lourenço, no dia 4 de julho de 2008.

Nesta mesma data, foi instituído um Conselho Consultivo integrado pelo Governo do Estado do Pará (Vice-Governador, SEDECT, FAPESPA, SEDUC, SEPAQ, SIDS e IDEFLOR), Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM, Banco da Amazônia, UFPA, UFRA e Prefeitura Municipal de Santarém, que prestou primoroso apoio à Comissão de Implantação.

Durante todo o processo de implantação da UFOPA, foi realizada uma ampla discussão com a comunidade acadêmica local e regional, dentre as quais destacamos os Seminários realizados em Santarém, nos dias 14 e 15 de agosto de 2008, denominados “Pensando em uma Nova Universidade, modelos inovadores de formação de recursos humanos” e “Santarém: Polo de Conhecimento, catalisador do desenvolvimento regional”. Participaram desse Seminário Reitores e Dirigentes das mais destacadas instituições de ensino e pesquisa do país, dirigentes da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC), Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior (CAPES/MEC), Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Academia Brasileira de Ciências (ABC), Governo do Estado do Pará, Prefeitura Municipal de Santarém, docentes, técnicos administrativos e discentes.

Os resultados dessas discussões foram sintetizados no Projeto de Implantação (1ª Edição)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

da Universidade Federal da Integração Amazônica (UNIAM), entregue ao Ministro da Educação Fernando Haddad, em dezembro de 2008, em Belém–Pará. Esse projeto, além de propor a mudança de nome da Universidade, apresentou uma arquitetura administrativa e acadêmica inovadora, flexível, interdisciplinar, empreendedora, eficiente, integrando sociedade, natureza e desenvolvimento.

Em 5 de dezembro de 2009, sob a presidência do Reitor da Universidade Federal do Pará, instituição tutora da UFOPA, foi instalado o Conselho Consultivo da UFOPA com finalidade de manter um canal de comunicação com a sociedade.

#### **1.2.6. Missão Institucional**

Socializar e produzir conhecimentos, contribuindo para a cidadania, inovação e desenvolvimento na Amazônia.

#### **1.2.7. Visão Institucional**

Ser referência na formação interdisciplinar para integrar sociedade, natureza e desenvolvimento.

#### **1.2.8. Princípios Norteadores**

São princípios da formação na Universidade Oeste do Pará:

- Formação em ciclos;
- Interdisciplinaridade;
- Flexibilidade curricular;
- Mobilidade acadêmica;
- Educação continuada;



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

## 2. INFORMAÇÕES DO CURSO

### 2.1. DADOS GERAIS DO CURSO

<b>Endereço de oferta do curso</b>	Av. Mendonça Furtado, 2946, Bairro Fátima, Campus Amazônia, Santarém PA		
<b>Denominação do Curso</b>	Bacharelado em Antropologia		
<b>Turno de funcionamento/n. de vagas anuais</b>	Matutino/Vespertino	Matutino/Vespertino	Noturno
		30	
<b>Modalidade</b>	Presencial		
<b>Regime de matrícula</b>	Semestral		
<b>Duração do curso</b>	Carga Horária Total (Horas)	Tempo Mínimo	Tempo Máximo
	2.560	8 (oito) semestres	12 (doze) semestres

### 2.2. JUSTIFICATIVA DO CURSO

Dada a especificidade dos processos de constituição sociocultural da região Oeste do Pará, que possibilitaram e ainda possibilitam a convergência para a região de grupos sociais específicos organizados sob critérios variados de existência coletiva, tais como populações indígenas, comunidades remanescentes de Quilombo, agricultores familiares, ribeirinhos, pescadores tradicionais, extrativistas; grupos com interesses econômicos atrelados aos mercados nacional e estrangeiro (agronegócio, mineradoras, por exemplo); agentes e agências governamentais, que atuaram e atuam nas mais diversas esferas e temáticas das políticas públicas e governamentais; organizações não governamentais, com os mais diversos perfis de atuação; missões religiosas; entre outros, o curso de Bacharelado em Antropologia se apresenta como oportunidade interessante para que seus alunos desenvolvam aptidões para compreensão tanto das especificidades das formas de vida que aqui se delineiam, como dos conflitos gerados pela convergência, para uma mesma região, de agentes, agências e grupos sociais com interesses e projetos tão diversos e/ou divergentes.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

Além do caráter específico das relações sociais estabelecidas no meio rural da região Oeste do Pará, as áreas urbanas ou sedes municipais da região também se apresentam como espaços sociais interessantes aos estudos antropológicos. Assim, estudos sobre sexualidades, gênero, religiosidades, sociabilidades, juventude, cultura popular, relações interétnicas etc., se apresentam como algumas das possíveis temáticas de pesquisa que podem colaborar com uma melhor compreensão dos processos e das configurações sociais na região.

Vale ressaltar que na região Oeste do Pará, os estudos antropológicos vêm sendo realizados por profissionais vinculados a instituições das capitais da região e de outras regiões do país, assim como de instituições internacionais. Um dado importante que deve ser posto em relevo é a constituição recente de cursos de graduação e pós-graduação em Antropologia na região Norte do país. Além do curso de bacharelado em Antropologia da UFOPA, a nível de graduação, existem atualmente mais dois cursos de Bacharelado em Antropologia. Um sediado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em Benjamin Constant, cidade da tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia, outro sediado na Universidade Federal de Roraima, em Boa Vista-RR. Em nível de pós-graduação, no Norte do país existem dois programas em Antropologia. O Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da UFAM, e o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará, com o perfil da Antropologia dos Quatro Campos (Antropologia Sociocultural, Bioantropologia e Arqueologia). Ambos conferindo titulação em nível de Mestrado e Doutorado.

É neste ambiente, ainda em construção, de constituição de instituições que visam colaborar para a formação de antropólogos, dedicados à produção de conhecimento e para atuação no campo da extensão na e sobre o contexto Amazônico, mas não só, assim como para atuar junto a movimentos sociais, instituições públicas e privadas, organizações não governamentais, etc, que se insere o curso de Bacharelado em Antropologia da UFOPA.

### **2.3. INSERÇÃO INSTITUCIONAL**

A Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA foi criada pela Lei nº 12.085/09, de 05 de novembro de 2009 a partir da incorporação dos campi da Universidade Federal do Pará -



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

UFPA e da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, situados em Santarém, com o propósito de ampliar a missão de interiorização e de integração do ensino superior na Região Amazônica. Primeira universidade implantada no interior da Amazônia, a UFOPA já nasce interiorizada, estruturando-se em sete Campi, localizados nos municípios de Santarém (sede), Itaituba, Oriximiná, Óbidos, Monte Alegre, Alenquer e Juruti. A proposta acadêmica da UFOPA caracteriza-se, de forma geral, pela inovação, pela flexibilidade curricular e pela interdisciplinaridade.

A inserção regional da Ufopa pode ainda ser caracterizada pela sua estrutura organizada em unidades acadêmicas temáticas, focadas na interdisciplinaridade, potencialidades regionais (entre as quais destacamos a biodiversidade florestal e aquática, potencial mineral e diversidade social) e na formação de professores da educação básica. Essa inserção regional dá-se também pela oferta dos cursos de graduação, especialização, mestrado e doutorado, conforme descrito anteriormente. Quanto à inserção nacional e internacional da Ufopa, as ações ocorrem pelas atividades da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica, por meio da Assessoria de Relações Nacionais e Internacionais (Arni), criada em maio de 2010. O diálogo praticado pela Arni com as instituições locais, nacionais e internacionais tem como base a importância do bioma Amazônia na construção das relações de parceria bilaterais ou multilaterais. A interação acadêmico-científica e tecnológica com instituições estrangeiras considera a conservação ambiental, mas, sobretudo, as melhorias socioeconômicas da população amazônica e a inclusão da região em cenários de desenvolvimento global. As várias formas de cooperação nacional e internacional da Ufopa, tais como as mobilidades discentes e docentes, desenvolvem-se com base em projetos de pesquisa, ensino e extensão entre grupos de pesquisa, cujos resultados científicos são bons indicadores do sucesso da parceria. Assim, a Ufopa tem objetivos que norteiam os seus processos regionais, nacionais e internacionais, bem como ações relacionadas a cada um deles.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

## **2.4. OBJETIVOS DO CURSO**

### **2.4.1. Objetivo Geral**

O objetivo do Bacharelado em Antropologia é preparar o discente para as diversas frentes de atuação profissional como antropólogo, conferindo-lhe competências e habilidades gerais e específicas de caráter teórico-conceitual e de caráter metodológico-instrumental, bem como preceitos éticos para o exercício da profissão. Assim, visa não só a desenvolver habilidades de raciocínio analítico, sintético, interpretativo, especulativo e sistemático, mas também a articulá-las com questões de interesse político, social e cultural no exercício prático do ofício de antropólogo.

Assentado em perspectivas teóricas variadas e voltado para o desenvolvimento de atividades de pesquisa e de preparação para um mercado de trabalho que exige sólida capacidade reflexiva e prática, sobretudo para intervenção em realidades específicas das sociedades amazônicas, o curso assume missão inovadora na UFOPA e pretende formar cidadãos e profissionais sensíveis e habilitados para atuar nos contextos local, regional, nacional e transnacional, tendo sempre em vista o princípio do respeito e da valorização da diversidade das populações humanas. Nesse sentido, o Bacharelado em Antropologia faz um grande investimento na capacitação dos alunos para a pesquisa teórica e aplicada, através de diferentes disciplinas metodológicas, da iniciação em pesquisas científicas e da realização de trabalhos de campo.

### **2.4.2. Objetivos Específicos**

O Bacharelado em Antropologia estimula no formando o desenvolvimento de capacidade de reflexão e a aquisição de conhecimentos em diversas disciplinas focando aspectos teóricos e metodológicos da Antropologia. A formação em áreas de domínio específico abrange teorias antropológicas clássicas e contemporâneas, bem como as contribuições mais relevantes da produção brasileira nessa área de conhecimento. A formação metodológica envolve o aprendizado de métodos e técnicas de pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo, bem como experiências de treinamento em campo.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

Numa perspectiva interdisciplinar, o curso propicia ainda uma formação humanística mais ampla, em que o aluno entra em contato com áreas afins, tais quais História, Economia, Arqueologia, e tem a oportunidade de interlocução com subáreas conexas das Ciências Sociais, além de transitar por outras áreas de conhecimento dentro e fora do Instituto de Ciências da Sociedade.

## **2.5. FORMA DE INGRESSO NO CURSO E PROGRESSÃO ACADÊMICA**

O acesso ao curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará ocorre de quatro formas:

1. Processo Seletivo Regular - via ENEM: O discente classificado no processo seletivo poderá habilitar-se a matricular-se em uma das vagas disponibilizadas pelo curso de Bacharelado em Antropologia, ingressando desde o 1º semestre nas disciplinas obrigatórias e específicas do curso.
2. Processo seletivo via mobilidade externa: Este processo destina-se a candidatos portadores de diploma de curso superior de graduação de outra Instituição de Ensino Superior e reconhecido pelo Ministério da Educação, mediante existência de vagas remanescentes no processo seletivo principal e prova dissertativa.
3. Processo seletivo via mobilidade interna: Através deste processo, graduandos da própria universidade que queiram mudar de curso podem solicitar transferência. O deferimento está condicionado à existência de vaga e à análise do histórico escolar do candidato.
4. Processo seletivo especial: Trata-se de uma seleção diferenciada para povos indígenas e quilombolas. O Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI) e o Processo Seletivo Especial Quilombola (PSEQ) são realizados pela Universidade Federal do Oeste do Pará com cotas definidas pela Instituição junto às Unidades e Subunidades. O PSEI é realizado em duas fases: uma prova de língua portuguesa, na primeira e, uma entrevista na segunda. Já, o PSEQ é realizado em uma fase com uma prova de leitura e interpretação de textos.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

### **2.5.1. Cotas**

Em seu processo seletivo regular, a UFOPA reserva 50% das vagas para candidatos que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas, conforme, lei nº 12.711 de 29 de agosto de 2012. Vale informar que a UFOPA já reservava vagas para pessoas com deficiência em todos os cursos de graduação, mesmo antes da alteração da Lei nº 12.711/2012. Ainda, a UFOPA juntamente com as Unidades e Subunidades reserva um percentual de vagas para candidatos quilombolas através do Processo Seletivo Especial Indígena e o Processo Seletivo Especial Quilombola. No caso da Antropologia, esse percentual é de no mínimo 10% para o Processo Seletivo Especial Indígena e outros 10%, no mínimo, para o Processo Especial Quilombola.

### **2.6. PERFIL DO EGRESSO**

O egresso do Bacharelado em Antropologia deverá ser intelectualmente capaz de articular a reflexão teórica e conceitual sobre os processos socioculturais com a análise empírica de seus desdobramentos em diferentes conjunturas. Estará capacitado para o exercício do ofício de antropólogo em todas as suas dimensões, em qualquer contexto sociocultural e trabalhando com qualquer temática, o que supõe pleno domínio da natureza do conhecimento antropológico e das práticas essenciais de sua produção e difusão.

Como cidadão, o egresso deverá ser capaz de compreender a complexidade da realidade na sociedade onde vive, fazendo reflexão crítica sobre os processos sociais que envolvem interesses em disputa, considerando sempre as instituições, os grupos e os atores/agentes sociais diferentemente posicionados, como tem sido uma tradição na história da Antropologia.

Como profissional, o egresso deverá estar apto a desempenhar funções no âmbito da academia, do Estado, do setor privado, assim como do chamado Terceiro Setor e dos movimentos sociais, que requeiram capacidade crítica e reflexiva, de observação, pesquisa, extensão e análise de tendências sociais, de formulação de diagnósticos, diretrizes, propostas e cenários prospectivos, bem como estratégias de planejamento e gestão relacionadas a políticas públicas ou demandas sociais em variadas áreas (cultura, saúde, gênero, patrimônio, meio



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

ambiente, memória, identidade, etc.), e que envolvam problemas de interesse político, social, científico e cultural.

## **2.7. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO EGRESSO**

As competências teórico-conceituais do egresso devem abranger capacidades analíticas, interpretativas, argumentativas e discursivas, cujo desenvolvimento se dá basicamente por meio da formação teórica nas disciplinas clássicas e contemporâneas de conteúdo específico da área de formação, às quais se soma a contribuição de disciplinas de outras áreas de domínio conexo ou complementar.

Tais competências envolvem:

- O domínio da bibliografia teórica e metodológica básica;
- O desenvolvimento da autonomia intelectual e da capacidade analítica própria ao seu desempenho profissional para analisar, expor e debater, inclusive publicamente, dados e ideias sobre problemas científicos, políticos, sociais e culturais envolvendo aspectos diversos, históricos ou contemporâneos, da vida social amazônica, brasileira e internacional;
- A capacidade de articulação entre teoria, pesquisa e prática social, por meio do compromisso ético com os dados e informações de pesquisa coletados referentes a problemas de natureza sociológica, política ou cultural que afetam populações ou grupos populacionais definidos;
- A habilidade de transitar pelas fronteiras entre o saber científico e o saber local, e a Antropologia e outras áreas do conhecimento, incluindo a capacidade de demarcação dos campos específicos e da qualificação do que lhes é próprio.

As competências e habilidades de caráter metodológico e instrumental em Antropologia do egresso devem abranger a capacidade de:

- Formular e desenvolver pesquisas pertinentes e relevantes ao campo de investigação da Antropologia, inclusive na interface com outras áreas de conhecimento; conhecer os diversos métodos de análise produzidos no âmbito das Ciências Sociais em geral e na Antropologia em particular, e saber articulá-los de acordo com a sua pertinência ao objeto de pesquisa;



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

desenvolver competência técnica para coleta, processamento e análise de dados e indicadores sociais diversos.

## **2.8. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR**

O Curso de Bacharelado em Antropologia está vinculado ao Instituto de Ciências da Sociedade.

Na estrutura acadêmica da UFOPA, o Curso de Bacharelado em Antropologia corresponde a um Bacharelado Específico, cujos conteúdos se adensam numa área de conhecimento bem definida, a saber, a Antropologia, disciplina cuja trajetória de formação remonta ao século XIX.

Contudo, o propósito de oferecer aos discentes estudos aprofundados nessa área não exclui do Curso a experiência interdisciplinar mantida nos diálogos com outras áreas e nas abordagens transversais de temas que instigam outros campos de conhecimento e prática científica. O discente tem oportunidade de estabelecer contato com diferentes áreas de conhecimento, entre elas, a mais importante é com a Arqueologia, curso de graduação que faz parte do Instituto de Ciências da Sociedade não só no âmbito das atividades de ensino propiciadas pela UFOPA nos semestres iniciais do curso, mas também nas atividades de pesquisa e extensão.

O percurso acadêmico do aluno segue, obrigatoriamente, diretrizes da interdisciplinaridade dentro e fora da sala de aula. Os componentes curriculares (obrigatórios) dos primeiros semestres de formação são realizados em um tronco comum com o curso de Arqueologia. A formação em Antropologia se inicia no primeiro semestre do percurso acadêmico e compõe-se, de um conjunto de disciplinas obrigatórias sob responsabilidade dos docentes dos cursos de Antropologia e de Arqueologia, em que cada um contribui em suas áreas de conhecimento. Esse diálogo se dá por três disciplinas obrigatórias de Arqueologia distribuídas no 1º, 3º e 4º semestres, para ser mais específico.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

A partir do quinto semestre o discente do Bacharelado em Antropologia passa a concentrar seus estudos prioritariamente nessa área de conhecimento e, valendo-se de um sistema de carga horária, o aluno participa ativamente da definição de seu percurso acadêmico e da montagem de seu currículo. A disciplina “Introdução à Antropologia” é pré-requisito para o discente cursar qualquer disciplina optativa obrigatória.

Com a intenção de promover a mobilidade interna dos alunos de Antropologia com vistas à flexibilização curricular e a promoção da interdisciplinaridade, o Bacharelado em Antropologia fez a opção por desmembrar as disciplinas optativas em duas modalidades (Obrigatória e Livre) em que o aluno possa escolher dentro e fora da Universidade Federal do Oeste do Pará outras vivências curriculares para a sua formação acadêmica. Ainda para promover essa flexibilização, os alunos de Antropologia têm todas as disciplinas da grade curricular do curso de Arqueologia como optativas obrigatórias e vice-versa.

Logo, o curso de Bacharelado em Antropologia conta com Componentes Curriculares Obrigatórios, Componentes Curriculares Optativos Obrigatórios, Componentes Curriculares Optativos Livres e Componentes Curriculares Eletivos, obedecendo as Resoluções nº 177, de 20/01/2017 – Regimento de Graduação, da UFOPA, a CNE/CES nº 17/2002 do Ministério da Educação que estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Ciências Sociais – Antropologia, Ciência Política e Sociologia, a CNE/CP nº 01 de 17 de junho de 2004 que determina as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Abaixo, segue as especificações de cada componente e de como o curso de Antropologia contabiliza esses componentes em cargas horárias:

- Disciplinas/Componentes Obrigatórios – devem ser cursadas por todo discente do curso com uma carga horária de 1.560 horas.
- Disciplinas/Componentes Optativos Obrigatórios – Conforme o artigo 123, da Resolução nº 177, de 20/01/2017, são componentes de flexibilização curricular. Podem ser cursados conforme preferências e interesses dos discentes por temas específicos na



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

área da Antropologia e de Arqueologia. Do conjunto das disciplinas optativas obrigatórias ofertadas pelo curso a cada semestre, o aluno terá liberdade de escolher quais cursará. O discente deverá cursar 07 disciplinas de 60 horas totalizando 420 horas a partir do 4º semestre. O NDE recomenda que o aluno curse a sequência de disciplinas optativas obrigatórias da seguinte maneira: 01 disciplina no quarto semestre, 01 no quinto semestre, 02 no sexto e três no sétimo.

Dentro do conjunto de disciplinas optativas obrigatórias há dois conjuntos que apresentam características particulares. Um desses conjuntos se refere aos “Tópicos Especiais”, com os seguintes componentes: “Tópicos Especiais em Antropologia I a IV” e “Tópicos Especiais em Antropologia e Arqueologia”. Esse rol de disciplinas tem o intuito de promover espaços de formação mais especializadas nas áreas do conhecimento em Antropologia e Arqueologia, aproveitando a pluralidade das formações dos docentes que compõem o Programa de Antropologia e Arqueologia possibilitando diálogos entre as duas áreas de conhecimento.

Outro conjunto de disciplinas se volta especificamente para os alunos indígenas e quilombolas que, desde o ano de 2017, passaram a ter um acompanhamento específico por meio de um conjunto de disciplinas Optativas Obrigatórias. Essas disciplinas, ofertadas pelos cursos de Antropologia e Arqueologia, são: “Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos I a IV”, pertencente ao PPC da Antropologia, e “Laboratório de Textos Arqueológicos e Antropológicos I a IV”, pertencente ao PPC de Arqueologia. A proposta surgiu em 2013 e foi aprimorada em 2017, tendo em vista uma série de discussões sobre a efetiva inserção dos alunos indígenas e quilombolas nos cursos de Antropologia e Arqueologia em termos de relações com outros discentes não indígenas e não quilombolas e grau de apreensão dos conteúdos específicos, dado as dificuldades por eles apresentadas devida à soma de sua origem sociocultural diferenciada – parte desses alunos não tendo o Português como língua materna, por exemplo – às debilidades dos contextos escolares aos quais tiveram acesso. No atual formato, os cursos de Antropologia e Arqueologia se alternam na oferta semestral dessa



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

disciplina, que abriga os alunos indígenas e quilombolas de ambos os cursos. Desse modo, tais discentes têm a oportunidade de nelas se matricular em todos os semestres, e são ativamente incentivados pelas coordenações a fazê-los.

Tais disciplinas se configuram como um espaço de estudos orientado por um professor, ora do curso de Antropologia ora do curso de Arqueologia com uma equipe de monitores-bolsistas e monitores-voluntários. Dentro de sala de aula, além de serem trabalhadas dúvidas e dificuldades gerais no âmbito do conhecimento acadêmico, o professor responsável e a equipe de monitores provêm um acompanhamento qualificado do processo de aprendizado dos discentes indígenas e quilombolas nas demais disciplinas que cursam em dado semestre.

- Disciplinas/Componentes Optativos Livres – Conforme o artigo 123, da Resolução nº 177, de 20/01/2017 da UFOPA, são componentes de flexibilização curricular que podem ser cursados conforme preferências e interesses dos discentes por temas gerais e específicos em qualquer área de conhecimento no âmbito do próprio instituto e de outros institutos da Universidade Federal Oeste do Pará ou, ainda, em outra instituição de ensino superior. Caso seja da preferência do aluno, ele poderá integralizar a carga horária correspondente cursando disciplinas optativas obrigatórias ofertadas pelo curso de Antropologia. O discente deverá cursar 04 disciplinas de 60 horas totalizando 240 horas a partir do 4º semestre. O NDE recomenda que o aluno curse a sequência de disciplinas optativas livres da seguinte maneira: 01 disciplina no quarto semestre, 01 no quinto semestre, 01 no sexto e 01 no sétimo.
- Disciplinas/Componentes Eletivos - Conforme o artigo 123, da Resolução nº 177, de 20/01/2017 da UFOPA, são componentes curriculares optativos eletivos disciplinas cursadas pelo discente independentemente do curso da Ufopa em que está matriculado, com o objetivo de ampliar o conhecimento e promover a integração universitária. Este componente não conta com carga horária no curso de Antropologia, no entanto, o aluno



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

pode cursar e poderá solicitar aproveitamento de até 240 horas para cumprir os componentes optativos livres.

- **Formação Básica Indígena:** A UFOPA oferece para os alunos indígenas oriundos do Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI) a Formação Básica Indígena, regulamentada pela Resolução Nº 194, de 24 de abril de 2017, que corresponde ao processo de formação básica inicial em ensino superior. Essa formação tem a duração de dois semestres e contempla conteúdo das áreas de Ciências Exatas, Ciências Humanas, Tecnologias e Letras – Língua Portuguesa, desenvolvidos por ações de ensino e extensão. O aluno indígena ingressante cumpre uma carga horária de 560h com o objetivo de ampliar o conhecimento com vistas em promover a integração e permanência do aluno indígena e diminuir a retenção e a evasão universitária. Desde o ano de 2016, os alunos oriundos do PSEI são obrigados a cumprir essa formação básica antes de ingressar no curso para o qual foi aprovado. Ou seja, no ano de ingresso, o aluno indígena cumprirá a Formação Básica Indígena e ingressará efetivamente no curso para o qual foi aprovado apenas no ano seguinte. Com isso, o aluno indígena terá o seu prazo de integralização ampliado em um ano. Com essa política de ações afirmativas, a Ufopa pretende promover a integração e melhores condições para a permanência dos alunos indígenas que ingressam na Ufopa pelo Processo Seletivo Especial.

Além das disciplinas, são creditados outros componentes curriculares, como Atividades Complementares e Trabalho de Conclusão de Curso, que serão especificados mais adiante. No que tange a cargas horárias, a distribuição das disciplinas e demais componentes curriculares fica conforme segue.

## **2.9. COMPONENTES CURRICULARES**

<b>COMPONENTES OBRIGATÓRIOS</b>
<b>1º Período</b>



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

Componente curricular	Carga Horária
Introdução à Antropologia	60
Introdução à Arqueologia	60
Metodologia das Ciências Sociais	60
História da Amazônia	60
<b>Total no período</b>	<b>240</b>

<b>2º Período</b>	
Componente curricular	Carga Horária
Teoria Antropológica I	60
Teoria Sociológica	60
Leituras Etnográficas I	60
Etnologia Indígena	60
<b>Total no período</b>	<b>240</b>

<b>3º Período</b>	
Componente curricular	Carga Horária
Teoria Antropológica II	60
Arqueologia Amazônica	60
Leituras Etnográficas II	60
Relações Étnico-raciais	60
<b>Total no período</b>	<b>240</b>

<b>4º Período</b>	
Componente curricular	Carga Horária
Teoria Antropológica III	60
Etnoarqueologia	60
Narrativas Etnográficas	60
Optativa Obrigatória I	60



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

Optativa Livre I	60
<b>Total no período</b>	<b>300</b>

<b>5º Período</b>	
Componente curricular	Carga Horária
Teoria Antropológica IV - Antropologia Contemporânea	60
Métodos e Técnicas em Antropologia Social	120
Antropologia no Brasil	60
Optativa Obrigatória II	60
Optativa Livre II	60
<b>Total no período</b>	<b>360</b>

<b>6º Período</b>	
Componente curricular	Carga Horária
Antropologias Contrahegemônicas	60
TCC I	120
Optativa Obrigatória III	60
Optativa Obrigatória IV	60
Optativa Livre III	60
<b>Total no período</b>	<b>360</b>

<b>7º Período</b>	
Componente curricular	Carga Horária
TCC II	120
Optativa Obrigatória V	60
Optativa Obrigatória VI	60
Optativa Obrigatória VII	60
Optativa Livre IV	60
<b>Total no período</b>	<b>360</b>



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

<b>8º Período</b>	
TCC III	120
<b>Total do Período</b>	<b>120</b>

<b>Total no Curso</b>	
Atividades Complementares Total – Carga horária que pode ser cumprida ao longo do percurso acadêmico, do 1º ao 8º semestre	<b>340</b>
<b>Total geral</b>	<b>2560</b>

### REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DE UM PERFIL DE FORMAÇÃO

1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período
Introdução à Antropologia* (60h)	Teoria Antropológica I (60h)	Teoria Antropológica II (60h)	Teoria Antropológica III (60h)	Teoria Antropológica IV (60h)	Antropologias Contrahegemônicas (60h)	TCC II (120h)	TCC III (120h)
Introdução à Arqueologia (60h)	Etnologia Indígena (60h)	Leituras Etnográficas II (60h)	Narrativas Etnográficas (60h)	Métodos e Técnicas em Antropologia Social (120h)	TCC I (120h)	Optativa Obrigatória V (60h)	
Metodologia das ciências sociais (60h)	Teoria Sociológica (60 h)	Arqueologia Amazônica (60h)	Etnoarqueologia (60h)	Antropologia no Brasil (60h)	Optativa Obrigatória III (60h)	Optativa Obrigatória VI (60h)	
História da Amazônia (60h)	Leituras Etnográficas I (60h)	Relações Étnico-Raciais (60h)	Optativa Obrigatória I (60h)	Optativa Obrigatória II (60h)	Optativa Obrigatória IV (60h)	Optativa Obrigatória VII (60h)	
			Optativa Livre I (60h)	Optativa Livre II (60h)	Optativa Livre III (60h)	Optativa Livre IV (60h)	
<b>240h</b>	<b>240h</b>	<b>240 h</b>	<b>300h</b>	<b>360h</b>	<b>360h</b>	<b>360h</b>	<b>120h</b>

07 Disciplinas optativas obrigatórias distribuídas do 4º ao 7º semestres = 420 horas
04 Disciplinas optativas livres distribuídas do 4º ao 7º semestres = 240 horas
Atividades Complementares distribuídas ao longo dos semestres 1º a 8º = 340h
<b>Carga horária total do curso de Bacharelado em Antropologia: 2.560h</b>

\*Disciplina pré-requisito para cursar as disciplinas optativas obrigatórias do curso.

<b>QUADRO RESUMO</b>		
<b>DISCIPLINAS</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
Obrigatórias	19	1200h
Optativas Obrigatórias	07	420h
Optativas Livres	04	240 h
Atividades Complementares	---	340h
TCC I, II e III (Obrigatório)	03	360h
<b>TOTAL</b>		<b>2.560 horas</b>

<b>DISCIPLINAS OPTATIVAS OBRIGATÓRIAS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
Antropologia da Arte	60
Antropologia Econômica	60
Antropologia e História	60
Antropologia da Performance	60
Antropologia Política	60
Antropologia da Religião	60
Antropologia Urbana	60
Antropologia Visual	60
Estudos Afro-Brasileiros I	60
Estudos Afro-Brasileiros II	60
Organização Social e Parentesco	60

<b>DISCIPLINAS OPTATIVAS OBRIGATÓRIAS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
Antropologias da Terra	60
Cultura Popular e Sociabilidades	60
Patrimônio Cultural	60
Políticas Afirmativas e Direitos Humanos	60
Povos Indígenas e Estado Nacional	60
Laudos e Perícias Antropológicas	60
História Indígena e do Indigenismo	60
Antropologia da Alimentação	60
Antropologia da Educação	60
Antropologia da Ciência e da Técnica	60
Antropologia e Filosofia	60

Relações Interétnicas	60
Antropologia Rural	60
Antropologia da Saúde e da Doença	60
Antropologia do Desenvolvimento	60
Antropologia Jurídica	60
Povos e Comunidades Tradicionais	60
Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos I	60
Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos II	60
Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos III	60
Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos IV	60
Tópicos Especiais em Antropologia e Arqueologia	60
Tópicos Especiais em Antropologia I	60
Tópicos Especiais em Antropologia II	60
Tópicos Especiais em Antropologia III	60

Antropologia Linguística	60
Tópicos Especiais em Antropologia IV	60
Antropologia da Natureza	60
Antropologia do Gênero	60
Estudos do Ritual e do Simbolismo	60
Gênero, Política e Sexualidade	60
Migrações e Mobilidades	60
Teoria Sociológica II	60
Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	60

## **2.10. EMENTÁRIO E BIBLIOGRAFIA**

### **2.10.1. Bibliografia Básica**

A bibliografia básica do curso de Bacharelado em Antropologia pode ser consultada no anexo.

A atualização do acervo é solicitada pelo NDE do curso de acordo com as demandas dos professores de cada componente curricular. O acervo bibliográfico está sendo adquirido de acordo com a política administrativa das esferas superiores da UFOPA. Todas as atualizações de conteúdos curriculares realizadas em nível de NDE do bacharelado de Antropologia são enviadas na forma de lista de bibliografias para a direção da Biblioteca realizar a compra.

### **2.10.2. Bibliografia Complementar**

A bibliografia complementar do curso de Bacharelado em Antropologia pode ser consultada no anexo.

A atualização do acervo é solicitada pelo NDE do curso de acordo com as demandas dos professores de cada componente curricular. O acervo bibliográfico está sendo adquirido de acordo com a política administrativa das esferas superiores da UFOPA. Todas as atualizações de conteúdos curriculares realizadas em nível de NDE do bacharelado de Antropologia são enviadas na forma de lista de bibliografias, para a direção da biblioteca, realizar a compra.

### **2.10.3. Periódicos Especializados**

O curso indica artigos de periódicos especializados, principalmente, na bibliografia complementar em alguns componentes curriculares (Anexo 1), sobretudo dos periódicos que estão disponíveis online, entre eles, a biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros, a Scientific Electronic Library Online – SciELO. O Programa de Antropologia e Arqueologia bem como a UFOPA utiliza o Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), dispõe de uma biblioteca virtual que conta com um acervo de mais de 35 mil títulos com textos completos, cerca de 130 bases referenciais, 11 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual. Os professores do Programa de Antropologia e Arqueologia também utilizam das bibliotecas digitais de Teses e Dissertações de várias instituições de ensino superior em que há pós-graduação strictu sensu consolidadas no País, entre elas, (USP, UNICAMP, UFRJ, UFPA, UNB,

UNESP etc.).

## **2.11. ATIVIDADES COMPLEMENTARES**

Atividades complementares são aquelas desenvolvidas sob a forma de programas, projetos, disciplinas, cursos, eventos, prestação de serviços e produção, publicação e outros produtos acadêmicos relacionados às áreas de conhecimento que contribuem para a formação do aluno no campo da Antropologia conformando o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão.

### **2.11.1. Objetivos**

Entre seus objetivos está a participação/atuação do aluno em atividades compartilhadas com vários segmentos da comunidade universitária, privilegiando ações integradas com as administrações públicas, em várias instâncias, e com vários segmentos da sociedade civil, comunidades e coletivos sociais. As ações propostas e realizadas no âmbito da UFOPA devem ser coordenadas por um docente ou técnico-administrativo da Universidade, com nível superior e que desempenhe atividade na área de conhecimento da Atividade Complementar proposta. As atividades propostas e organizadas por discentes e docentes de outras instituições também serão aceitas como atividades complementares. Entretanto, deverão seguir os padrões dos projetos acadêmicos de pesquisa e de extensão e devem ser previamente enviadas e avaliadas pelo docente, comissão ou técnico-administrativo responsável pelas atividades complementares da turma dentro do Bacharelado em Antropologia.

Todas as propostas e relatórios de Atividade Complementar devem ser devidamente analisados e aprovados pelo corpo docente do Bacharelado em Antropologia e devem estar devidamente documentados.

Vale salientar que o Diretório Central dos Estudantes (DCE) e os Centros Acadêmicos também poderão propor Atividades Complementares, desde que sob a supervisão e coordenação de um professor da respectiva área de conhecimento e após aprovação da proposta pelo colegiado do curso e/ou pelo conselho do ICS.

### **2.11.2. Carga Horária**

A carga horária total de Atividades Complementares (340 h) está distribuída ao longo dos semestres. A validação da carga horária será de acordo com a participação e a declaração/certificado/relatório apresentado. As horas serão contabilizadas ao final do curso.

A avaliação e a validação das atividades complementares ficarão a cargo de uma

comissão formada por docentes do curso, seguindo os critérios descritos a seguir.

### 2.11.3. Descrição das Atividades Complementares

As atividades de pesquisa e de extensão devem ser cumpridas e devidamente comprovadas. A distribuição da carga horária obedece a critérios discriminados a seguir:

<b>TIPO DE ATIVIDADE</b>	<b>CARGA HORÁRIA ATRIBUÍDA</b>
Participação em programas e projetos de pesquisa registrados na instituição e supervisionados por um professor orientador, com ou sem bolsa	até 80 horas/semestre
Atividades desenvolvidas no âmbito do Programa de Mobilidade Acadêmica Externa Temporária Nacional	até 20 horas
Atividades desenvolvidas no âmbito do Programa Mobilidade Acadêmica Externa Temporária Internacional	até 20 horas
Ensino: Monitoria de disciplinas no PAA	até 50 horas/Semestre
Cursos de Língua estrangeira (reconhecido e certificado)	até 5 horas
Cursos e/ou minicursos de extensão em Arqueologia, Antropologia e áreas afins à formação do aluno, em instituições de ensino superior (IES) e eventos acadêmicos (congressos, seminários, encontros, etc.), com carga horária mínima de 20 horas	até 40 horas
Cursos em Arqueologia, Antropologia e áreas afins à formação do aluno, em instituições de ensino superior (IES) e eventos acadêmicos (congressos, seminários, encontros, etc.), com carga horária mínima de 40 horas	até 100 horas

Eventos técnico-científicos e de extensão, dentre as categorias a seguir (até 40 horas total)

<b>TIPO DE ATIVIDADE</b>	<b>CARGA HORÁRIA ATRIBUÍDA</b>
Coordenação de evento de pesquisa ou de extensão local	até 15 horas
Expositor em evento de pesquisa ou de extensão local	até 10 h
Participante de evento de pesquisa ou extensão local	até 10h
Coordenação de evento nacional de pesquisa ou de extensão	até 15h
Expositor em evento de pesquisa ou de extensão nacional	até 10 h
Participante de evento de pesquisa ou de extensão nacional	até 5 h

Coordenação de evento de pesquisa ou de extensão internacional	até 20 h
Expositor (português) em evento de pesquisa ou extensão internacional	até 10h
Expositor (outro idioma) em evento de pesquisa ou de extensão internacional	até 15h
Participante de evento de pesquisa ou de extensão internacional	até 5h
Participação em oficina(s) – extensão	até 20h
Participação de alunos como ouvinte em bancas de defesa de trabalhos de graduação e pós-graduação	Até 02 h/banca (máximo 10 horas total)

Publicações dentre as categorias abaixo, até 20hs/semestral.

<b>TIPO DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>CARGA HORÁRIA ATRIBUÍDA</b>
Jornais, revistas, boletins eletrônicos, anais locais	até 5hs
Jornais, revistas, boletins eletrônicos, anais regionais	até 10hs
Jornais, revistas, boletins eletrônicos, anais nacionais	até 15hs
Jornais, revistas, boletins eletrônicos, anais internacionais	até 20hs

<b>TIPO DE ATIVIDADE</b>	<b>CARGA HORÁRIA ATRIBUÍDA</b>
Participação em um programa de extensão aprovado e reconhecido pela PROCCE/UFOPA (4 h/semanais)	até 80h/semestre.
Participação como voluntário em órgãos administrativos públicos, e Organizações Não Governamentais, Movimentos Sociais, Associações e Sindicatos	até 40h
Participação em órgão colegiado e/ou conselho deliberativo e/ou consultivo da instituição	até 20h/semestre.
Trabalhos voluntários de apoio à Coordenação	até 15h/semestre.
Estágio profissional na área de formação e afins (remunerado ou voluntário)	até 80h

Atividades não previstas neste documento serão avaliadas pelo Colegiado mediante solicitação formal junto à secretária do PAA (até 20 h/semestre.). Demais atividades não mencionadas neste tópico serão analisadas pelo Colegiado do curso.

#### **2.11.4. Atividades de Curso**

Com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de ações voltadas para a efetiva integração entre ensino, pesquisa e extensão, o curso de Bacharelado em Antropologia vem construindo um conjunto de atividades básicas divididas em Atividades de Sala de aula, Atividades de campo, bem como, construiu-se um guia para formulação e proposição de

Atividades Complementares detalhado em páginas anteriores.

### **2.11.5. Atividades de Sala de Aula**

As atividades de caráter teórico são encampadas no transcorrer da maioria das disciplinas da estrutura do curso que tomam lugar nos espaços formais das salas de aula dentro das instalações prediais do ICS. As aulas apresentam carga horária integral de 60 horas ministradas em duas sessões semanais, que totalizam 5 horas por semana. As disciplinas são de caráter expositivo com auxílio de tecnologias audiovisuais, baseadas em bibliografias básicas e complementares (detalhe nas ementas de cada disciplina – anexo) selecionadas para funcionarem como a linha mestra das exposições e discussões. A participação dos discentes é estimulada através de seminários e debates, filmes e documentários, trabalhos individuais e em grupo, produção de resumos, resenhas e outras atividades que dependem da criatividade de cada docente em diálogo com os discentes. Nestas atividades, a interpretação e leitura crítica dos textos são encorajadas e demandadas aos alunos. Ocasionalmente, a intervenção de outros profissionais da área pode ser acionada para enriquecimento de debates levantados em sala. Três avaliações formais, baseadas em respostas dissertativas para questões derivadas do conteúdo programático que são utilizadas com o intuito de observar o grau de apreensão dos alunos.

### **2.11.6. Atividades de Trabalho de Campo**

As atividades de campo são importantes para o profissional da Antropologia, tendo em vista a proeminente natureza etnográfica de suas pesquisas. Logo, essas atividades compõem parte importante do processo de ensino-aprendizagem na área. A experimentação e a prática de diversos métodos e técnicas de pesquisa são estimuladas a partir dos planos de trabalhos de Iniciação Científica, extensão e, também, a partir dos programas de várias disciplinas obrigatórias e optativas. Desse modo, o exercício antropológico da observação, descrição e escritura sobre diferentes situações de campo é demandado aos discentes como parte de trabalhos e avaliações acadêmicas ao longo do curso. Ainda, parte considerável do corpo docente realiza projetos de pesquisa e extensão em Santarém e municípios do entorno (Alenquer, Almeirim, Itaituba, Monte Alegre, Óbidos, Oriximiná e Prainha), na área de abrangência da Ufopa. Distribuídos em áreas urbanas, rurais, ribeirinhas, comunidades quilombolas e aldeias indígenas, esses projetos constituem oportunidades para os alunos realizarem atividades diversificadas em campo, conhecendo diferentes contextos etnográficos e, assim, inserindo-se

no campo profissional da Antropologia.

## **2.12. ESTÁGIO CURRICULAR**

A iniciação profissional no âmbito de estágios supervisionados é estimulada no Curso de Bacharelado em Antropologia, e é altamente recomendável ao discente que realize experiências de trabalho junto a centros de pesquisa, instituições de ensino, centros de cultura e memória, órgãos públicos, organizações não governamentais, movimentos sociais, empresas e outros ambientes profissionais. No entanto, não há determinação de estágio obrigatório como parte da formação do discente, tendo em vista a natureza plural e a multiplicidade das formas de realização do exercício do antropólogo.

Quando ocorrer, por iniciativa do discente, o estágio deve ser realizado em função e responsabilidade compatível com o nível de formação e este deve ser necessariamente acompanhado por profissional qualificado no local de estágio, respeitando-se os princípios éticos de trabalho.

Dentro da Universidade Federal Oeste do Pará, cabe ao Núcleo de Estágio do Instituto de Ciências da Sociedade, no qual os cursos de Antropologia e Arqueologia mantém membro representante, o acompanhamento e a avaliação dos estágios desenvolvidos pelos discentes do Bacharelado em Antropologia. Quando ocorrer, a supervisão do estágio ficará a cargo de um docente do curso de Antropologia.

## **2.13. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

O curso de Antropologia segue as Resoluções nº 27 de outubro de 2013 e a nº 177, de 20 de janeiro de 2017 (Regimento de Graduação), da Universidade Federal Oeste do Pará, que regem normas gerais sobre o trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O TCC é uma atividade curricular individual, obrigatória e condicionante para obtenção do título de Bacharel em Antropologia. No Curso de Bacharelado em Antropologia o TCC será desenvolvido entre o 6º e 8º semestres, através das disciplinas TCC I (120horas), TCC II (120 horas) e TCC III (120horas). Todas essas disciplinas, totalizando 360 horas, serão vinculadas ao professor orientador.

Por meio de atividades de pesquisa estimuladas e praticadas ao longo de todo o curso, em disciplinas teóricas e práticas, bem como em atividades complementares, o formando tem

no TCC a oportunidade de consolidar, sob a orientação sistemática do docente/orientador, os conhecimentos adquiridos e produzidos no âmbito de suas investigações sobre um determinado tema.

Os Trabalhos de Conclusão de Curso são orientados por docentes do curso de Antropologia, ou, em casos devidamente justificados, por docentes de áreas afins, desde que essa indicação seja aprovada em instância colegiada do curso. Nesse último caso, o colegiado ainda poderá indicar, se necessário, a composição de co-orientação. A seleção do tema do TCC é de escolha do discente e depende da disponibilidade de docente para orientação.

### **2.13.1 Coordenação e Defesa Do TCC**

Todo o processo destinado para a escrita do TCC, envolvendo as três disciplinas (TCC I, II e III) será coordenado pelo professor orientador, respeitando o limite da carga-horária definida por regulamento específico da UFOPA (Resolução 184/2017 – Plano Acadêmico). O orientador irá acompanhar no decorrer dos semestres o andamento dos trabalhos, bem como fazer cumprir com os prazos estabelecidos para a entrega, além de organizar a composição das bancas e os dias de apresentação do TCC. Na ausência do professor orientador ou em casos omissos, o coordenador e o vice-coordenador do curso irá acompanhar o andamento dos trabalhos.

Para fins de avaliação e integralização curricular, o TCC será no formato de monografia ou peça audiovisual. No caso de monografia deverá ter no mínimo 50 páginas.

No formato peça audiovisual, o TCC deverá ser acompanhado, obrigatoriamente, de um texto que exponha o contexto de pesquisa, seus princípios teórico-metodológicos e uma reflexão, com no mínimo 25 páginas.

O aluno deverá preencher o formulário de cadastramento do TCC junto à Secretaria Acadêmica do Instituto, com pelo menos, 30 dias de antecedência da defesa.

A defesa será através de apresentação oral, em sessão pública. O TCC será submetido a uma banca composta pelo professor orientador e por mais dois membros docentes, dos quais pelo menos um deverá ser obrigatoriamente vinculado ao Curso de Bacharelado em Antropologia, sendo facultado o convite a um membro externo, se a situação o ensejar e se o convite for fundamentado de acordo com disposições específicas.

No dia da defesa, o aluno terá que retirar na Secretaria Acadêmica as declarações de participação dos docentes e a ata de defesa que deverá ser assinada por todos os membros da

banca, na qual consta a nota final atribuída ao aluno. Em até 30 dias após a defesa, o aluno deverá entregar na Secretaria Acadêmica do Instituto 03 (três) cópias impressas e uma cópia digital do TCC.

#### **2.14. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO**

O sistema de avaliação do Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Antropologia deve ser compreendido como um processo dinâmico, que exige mediação pedagógica permanente e estará pautado no Instrumento de Avaliação dos Cursos de Graduação, do Ministério da Educação. Neste sentido, estão previstos mecanismos para rever periodicamente os instrumentos e procedimentos de avaliação, de modo a ajustá-los aos diferentes contextos e situações que se apresentam no cenário da educação superior e torná-los como elementos balizadores. O sistema de avaliação do projeto do curso ainda considera os parâmetros e os procedimentos gerais adotados pela Universidade Federal Oeste do Pará e pelo Instituto de Ciências da Sociedade, onde o Bacharelado em Antropologia está sediado.

O curso de Antropologia realiza reuniões periódicas mensais do Núcleo Docente Estruturante (NDE), onde é possível construir de maneira processual a avaliação diagnóstica de modo a subsidiar a (re) construção do PPC. Entre os pontos para a avaliação continuada e anual do curso, de natureza quantitativa e qualitativa, considera-se, por exemplo: índice de evasão, índice de retenção, tempo médio de formação do aluno, produtividade científica dos discentes, grau de satisfação com o curso e das próprias disciplinas. Assim, a avaliação do PPC deve ser considerada como uma ferramenta construtiva visando contribuir para a implementação de melhorias e inovações que permitam identificar possibilidades, orientar, justificar, escolher e tomar decisões no âmbito da vida acadêmica de alunos, professores e funcionários.

Outro ponto avaliado é o recurso humano que compõe o quadro de docentes do curso de Antropologia. Para tanto, a coordenação através do colegiado do curso incentiva e planeja anualmente a saída dos professores para participarem de congressos, eventos e reuniões de pesquisa. Sobre a questão da “formação e titulação”, o programa conta com planejamento na subunidade em consonância com a unidade, isto é, com o Instituto de Ciências da Sociedade (ICS), possibilitando ao professor em nível de mestrado o afastamento para o a formação em nível de doutorado. O colegiado de Antropologia está inserido no Plano de Qualificação Docente da Ufopa com saídas previstas também para qualificação de curta duração (licença

qualificação de três meses – cada docente tem o direito a cada quinquênio), doutorado e pós-doutorado.

Outro indicador é a avaliação do rendimento discente que segue os preceitos e normas internas da UFOPA, como por exemplo, o Índice de Desempenho Acadêmico (IDA) e outras ferramentas que estão ancoradas na gestão participativa da coordenação do curso que desempenha papel de mediação e articulação na relação entre professor, aluno e funcionário. O curso de Antropologia realiza mensalmente reunião de colegiado com representação dos estudantes e ainda, semestralmente, reunião com os discentes com o intuito de melhorar a atuação e a comunicação com a coordenação do curso e, conseqüentemente, com os professores do Programa de Antropologia e Arqueologia (PAA). A avaliação do PPC também considera os resultados dos elementos do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) bem como os resultados da avaliação interna, tendo em vista o fornecimento de relatórios pela Comissão Própria de Avaliação (CPA), que foi criada por meio da Portaria 783 de 24 de julho de 2012. As reuniões da CPA são abertas ao público e têm por finalidade realizar a autoavaliação institucional, a partir dos princípios e diretrizes do SINAES, de modo a contribuir com o aprimoramento do Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI e do Projeto Pedagógico Institucional - PPI, subsidiando as ações de planejamento na UFOPA. A página da Comissão Própria de Avaliação (CPA) da UFOPA está disponível no endereço <http://www.ufopa.edu.br/cpa/>. Nela é possível ter acesso à agenda de reuniões da CPA, instrumentos de avaliação, plano de trabalho e outras informações. Tanto para o aluno quanto para o docente, a Ufopa/CPA disponibiliza a avaliação institucional através do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA).

## **2.15. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM DISCENTE**

De acordo com a Resolução N° 27, de 08/10/2013, da Ufopa, entende-se por avaliação de aprendizagem o processo de apreciação e julgamento do rendimento acadêmico dos discentes, com o objetivo de acompanhar, diagnosticar e melhorar o processo de ensino e aprendizagem, bem como a habilitação do discente em cada componente curricular.

A avaliação da aprendizagem na UFOPA tem como objetivos: I – verificar o nível de aprendizagem dos discentes; II – averiguar a aquisição conceitual, teórica e prática dos

conteúdos programáticos ministrados durante os períodos letivos; III – incentivar o hábito e a prática diuturna de trabalho no processo ensino-aprendizagem; IV – mensurar quantitativamente, através do Índice de Desempenho Acadêmico (IDA), o desempenho de cada discente; V – conferir o domínio das habilidades e competências previstas nos projetos pedagógicos de cada unidade e subunidade.

Segundo a Resolução Nº 177, de 20/01/2017 (Regimento de Graduação da Ufopa), para fins de avaliação da aprendizagem cabe ao docente:

- I - Apresentar à turma, no início do período letivo, os critérios de avaliação da aprendizagem conforme o plano de ensino;
- II - Discutir com a turma os resultados de cada avaliação parcial, garantindo que esse procedimento se dê antes da próxima avaliação da aprendizagem;
- III - Fazer o registro eletrônico no SIGAA da frequência e das notas parciais, de acordo com as orientações da DRA, no prazo definido pelo Calendário Acadêmico.

Os componentes curriculares, em cada período curricular, serão apreciados através de pelo menos três avaliações e uma avaliação substitutiva, esta última de caráter optativa para o discente e envolvendo todo o programa do componente. Pelo menos uma das três avaliações supracitadas deverá ser individual.

Considerar-se-á aprovado no componente curricular, o discente que obtiver nota final igual ou superior a 6,0 (seis vírgula zero) e frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento).

O discente com nota final inferior a 6,0 ao final do processo de avaliação entrará em regime de dependência em relação ao componente curricular, para fins de integralização curricular.

Em caso de falta à avaliação em componente curricular, por impedimento legal, doença grave atestada por serviço médico de saúde e caso fortuito, devidamente comprovado nos termos da lei, o discente deve protocolar na secretaria responsável pelo componente curricular o requerimento para avaliação de segunda chamada ao docente, no período de 48h.

A avaliação substitutiva constitui oportunidade opcional, igualmente oferecida a todos os discentes, no sentido de substituir uma das notas das três avaliações do componente curricular à qual ela se referir.

O discente reprovado em qualquer componente curricular entrará automaticamente em regime de dependência e deverá regularizar seus estudos para efeito de integralização de seu percurso acadêmico.

O Índice de Desempenho Acadêmico (IDA) é o instrumento dinâmico que expressa numericamente o desempenho do discente em cada período curricular e será computado até a quarta casa decimal.

As avaliações, em cada componente curricular, deverão, necessariamente, ser representadas através de valor numérico, entre 0 e 10, de modo a poderem ser computadas no IDA, inclusive aquelas de cunho qualitativo.

Outros pontos que devem ser considerados na avaliação em relação ao discente são: desempenho dos discentes em atividades externas (congressos, projetos de iniciação científica, projetos de extensão, atividades de campo); frequência; evasão etc. Ainda em se tratando do discente, há que considerar como ponto de diagnóstico o índice de aprovação de egressos em programas de pós-graduação e concursos, tendo a clareza de criar outros instrumentos e mecanismos que propiciem o acompanhamento na consolidação do perfil do egresso.

## **2.16. PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA.**

### **2.16.1. Políticas de Ensino**

Como nas demais IFES, o ensino na Ufopa é desenvolvido nos níveis de graduação, pós-graduação (*lato sensu* e *stricto sensu*) e extensão. Independente do nível de ensino, o foco é a abordagem interdisciplinar, a flexibilidade curricular, a formação continuada e a mobilidade acadêmica.

O curso de Antropologia foi estruturado em conformidade com os parâmetros curriculares nacionais estabelecidos pelo Conselho Nacional de Educação, com o objetivo de formar cidadãos capazes de transformar a realidade social, valorizar a diversidade cultural e contribuir para o avanço científico e tecnológico da Amazônia.

Aos Institutos estão vinculados Programas, que são constituídos de Bacharelados e Licenciaturas Integradas com duração de 3 (três) anos e/ou Bacharelados e Licenciaturas Profissionais, com duração entre 4 (quatro) a 5 (cinco) anos. O Bacharelado de Antropologia está vinculado ao Programa de Antropologia e Arqueologia (PAA) que por sua vez, está vinculado ao Instituto de Ciências da Sociedade (ICS). Seu percurso acadêmico mínimo se faz em quatro (4) anos. Durante todo o desenvolvimento do curso procura-se incentivar os alunos a interagir com os outros institutos, através de disciplinas optativas livres e através de projetos de pesquisa e extensão. Visto que estas três dimensões são essenciais para o bom desempenho

do aluno durante seu percurso acadêmico e posteriormente.

### **2.16.2. Políticas de Extensão**

O curso de Antropologia do Ufopa segue a Resolução nº 177, de 20/01/2017 – Regimento de Graduação e nela está contida as diretrizes das atividades de extensão, que faz parte do percurso formativo acadêmico obrigatório do discente. De acordo com essa resolução:

“§ 1º As atividades de extensão se estruturam com base no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com o Plano Nacional de Educação e com o Plano Nacional de Extensão Universitária.

§ 2º Do total da carga horária exigida para a integralização do curso, devem ser assegurados, no mínimo, 10% do total de créditos curriculares para programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social, com base na Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014 – Plano Nacional de Educação (PNE)”.

Na Universidade Federal do Oeste do Pará, as ações acadêmicas do curso de Antropologia são integradas em unidades denominadas Programas. Por isso, não se distinguem as atividades de extensão de outras atividades acadêmicas. A extensão envolve, principalmente, ações de articulação com a sociedade com forte concentração nas áreas de arte e cultura, processos de organização social, oferta de cursos de pequena duração e ações empreendedoras na sociedade.

Tendo em vista a multiplicidade de aspectos e saberes envolvidos, os programas e projetos de extensão realizados pelo Bacharelado, em parceria ou não com outros cursos da UFOPA, devem estimular e buscar propiciar aos alunos a participação em ações conjuntas com instituições públicas, entidades não governamentais, empresas e movimentos sociais.

As atividades de extensão devem ser sempre orientadas por um docente e podem ser apoiadas pela UFOPA, conforme regras específicas da universidade expressas e dimensionadas no Plano de Desenvolvimento Institucional, ou por fontes financiadoras externas, desde que previamente aprovadas pelo ICS.

Entre as formas de atuação em nível de extensão oferecidas por docentes e discentes do Programa de Antropologia e Arqueologia estão ações de extensão financiadas por órgãos governamentais, fundações e segmentos organizados da sociedade civil; Ações de recuperação, conservação e divulgação de bens culturais de Santarém e região; projetos de revitalização e consolidação de grupos artísticos ou núcleos de criação, bem como festivais e mostras de arte;

Promoção de cursos de formação, capacitação e aperfeiçoamento de recursos humanos que fortaleçam grupos sociais e aumentem a inclusão e, ainda a estimulação de ações integradas de extensão aglutinando conhecimentos e meios dos diversos Institutos.

### **2.16.3. Políticas de Pesquisa**

A pesquisa na Ufopa, associada ao ensino e à extensão, objetiva a produção e a difusão de conhecimentos científicos, tecnológicos, artísticos e culturais, que contribuam para a melhoria das condições de vida da sociedade, principalmente na região amazônica.

A iniciação à pesquisa é etapa fundamental do Bacharelado em Antropologia e constitui a base em que o aluno constrói sua formação numa perspectiva integrada e conectada com os contextos sociais em que se insere e nos quais atuará após a conclusão do curso. Essa etapa, porém, não se efetua em períodos rigorosamente delimitados, mas em atividades continuadas de pesquisa.

Durante a Formação Graduada em Antropologia, oferta-se aos alunos a possibilidade de integração e participação continuada em projetos de pesquisa sob orientação de seus professores, bem como oportunidades de experimentação de diferentes linhas de investigação científica no âmbito das disciplinas e especialidades de formação do corpo docente.

Além daquelas decorrentes dos projetos individuais de pesquisadores, outras bolsas de Iniciação Científica podem ser concedidas aos alunos envolvidos com recursos próprios da UFOPA e externos. Entre elas, CNPq/UFOPA e FAPESPA, entre outras fontes de financiamento contínuo ou eventual. Bolsas de Monitoria ofertadas pelas Pró-Reitoria de Ensino e Graduação e Pró-Reitoria de Gestão Estudantil da UFOPA também oferecem aos alunos o contato com atividades de Ensino e Pesquisa.

Dentro da perspectiva institucional, o Curso de Bacharelado em Antropologia na UFOPA assume a responsabilidade de produzir e socializar conhecimentos que permitam estabelecer e respeitar a pluralidade de percepções elaboradas pelos diferentes grupos humanos da região sobre processos, modelos, projetos e representações de desenvolvimento que incidem em seus territórios. Nesse sentido, com base nos princípios do respeito e da valorização das diferenças, o Curso de Bacharelado em Antropologia pretende contribuir para a formação e a expressão de consciências críticas a respeito dos processos sociais articulados *a*, desencadeados *por*, e representados *nas* diferentes noções de desenvolvimento que circulam na região de abrangência da UFOPA.

É sabido que essa região – delimitada pelos municípios de Santarém, Óbidos, Monte Alegre, Alenquer, Oriximiná, Juruti e Itaituba – encontra-se, no cenário macrorregional e nacional, em situação muito privilegiada no que tange à riqueza de patrimônio natural e sociocultural. Trata-se, reconhecidamente, de região dotada de grande interesse para pesquisas científicas nas muitas linhas da Antropologia, que tem atraído investigadores de todo o Brasil e do mundo. Nem sempre, porém, os trabalhos conduzidos contribuem para a formação e fixação de profissionais na região, para a melhoria das condições de vida das populações estudadas, ou para a redução das desigualdades que as afetam.

Cumpra à UFOPA, assumindo que a região efetivamente demanda agentes comprometidos e capazes de lidar com os diferentes aspectos de seu vasto acervo étnico-cultural, proporcionar os meios para que a produção de conhecimento se faça de forma integrada a projetos de desenvolvimento científico e socioeconômico da região efetivamente construídos e compartilhados com os grupos que a habitam, considerando-se sua pluralidade étnica e cultural, a multiplicidade de seus entendimentos e anseios relativos à ideia de desenvolvimento e, sobretudo, seus plenos direitos sociais e culturais.

## **2.17. ORGANIZAÇÃO ACADÊMICO ADMINISTRATIVA E RECURSOS HUMANOS**

### **2.17.1. Direção do Instituto**

O Instituto de Ciências da Sociedade é composto pelas seguintes subunidades: Programa de Ciências Jurídicas – PCJ, Programa de Ciências Econômicas e Desenvolvimento Regional – PCEDR, Programa de Antropologia e Arqueologia – PAA, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Estas subunidades mantêm reuniões regulares dos seus colegiados de curso. Nestas reuniões estão presentes os coordenadores e professores dos respectivos programas nas quais são debatidas assuntos internos referentes ao ensino, pesquisa e extensão, que, de acordo com a deliberação dos presentes, são encaminhadas à direção do Instituto para serem apreciadas na Reunião do Colegiado do ICS, instância majoritária que agrega as representações das categorias do Instituto: Professores, técnicos e discentes.

### **2.17.2. Coordenação de Curso**

A coordenação do curso de Antropologia segue as atribuições de coordenação previstas na Resolução nº 177, de 20/01/2017 – Regimento de Graduação da UFOPA, **Seção IV, Art. 121**. São atribuições precípuas da Coordenação de Curso:

- I- Convocar e presidir as reuniões do Colegiado do Curso;
- II- Solicitar à Proen, aos diretores das Unidades Acadêmicas, aos coordenadores de núcleos e aos docentes e técnicos em assuntos educacionais providências necessárias para o bom funcionamento do curso, em matéria de instalações, equipamentos, questões didático-pedagógicas e pessoal;
- III- Articular-se com o Colegiado da Unidade Acadêmica e com a Administração Superior, a fim de harmonizar o funcionamento do curso com as respectivas instâncias;
- IV- Propor ao Colegiado do Curso o número de vagas a ser oferecido nos processos seletivos de ingresso de acordo com a portaria de criação do curso;
- V- Coordenar o NDE do curso;
- VI- Propor, em conjunto com o NDE, reformas no PPC;
- VII- estruturar a grade horária e solicitar à Unidade Acadêmica a designação de professores para os componentes curriculares;
- VIII- propor componentes curriculares de cursos no período intensivo;
- IX- Propor e implementar estratégias de enfrentamento da reprovação e da evasão;
- X- Analisar os históricos escolares, com seus respectivos programas de componentes curriculares, quando da solicitação de dispensa;
- XI- Providenciar documentação necessária à colação de grau dos discentes;
- XII- Estimular a participação dos docentes e dos discentes no processo avaliativo (avaliação do docente pelo discente, da coordenação pelos discentes e docentes, infraestrutura), de forma a contribuir para sua autoavaliação;
- XIII- Propor ao Colegiado da Subunidade plano de providências após as avaliações;
- XIV- Inscrever os discentes no Sistema e-MEC, quando o curso for selecionado para  
participar do Exame Nacional dos Discentes (Enade) ou quando o discente não tiver realizado a prova no ciclo avaliativo regular;
- XV- Analisar, em conjunto com os docentes, os relatórios do Enade, de modo a possibilitar autoavaliação e retroalimentação do curso;
- XVI- Colaborar no processo de avaliação externa *in loco* realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira



do Ministério da Educação (Inep/MEC), fornecendo informações solicitadas pela Proen nos prazos estabelecidos;

XVII- Solicitar dos docentes a documentação necessária para o processo avaliativo *in loco*;

XVIII- Informar aos órgãos competentes da Ufopa as necessidades do curso para uma boa avaliação; promover reuniões com os docentes e discentes para fins de preparação da avaliação externa;

XIX- Preparar toda a documentação necessária, disponibilizando-a para a comissão de avaliação externa;

XX- Conhecer a legislação pertinente às suas atribuições de coordenador: PDI, regimento da instituição e resoluções internas e externas;

XXI- Receber os discentes no início dos semestres, oferecendo informações necessárias sobre a vida acadêmica durante o período de formação ou nos polos de apoio presencial, nos casos dos cursos a distância;

XXII- Responsabilizar-se pela orientação de matrícula, propondo, de forma conjunta com o discente, plano individual para discentes desniveledos ou oriundos de mobilidades estudantis;

XXIII- Acompanhar os prazos de inserção da oferta de componentes curriculares, possibilitando a matrícula dos discentes no período estipulado;

XXIV- Atender ao discente, sempre que necessário ou solicitado na Coordenação do Curso;

XXV- Solicitar aos docentes que acessem periodicamente o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), de forma que a frequência e as notas dos discentes sejam lançadas no prazo estabelecido;

XXVI- Acompanhar e avaliar o estágio probatório dos docentes;

XXVII- Orientar o discente sobre as atividades complementares e realizar sua creditação;

XXVIII- Colaborar com a Coordenação de Estágios da Proen no levantamento, registro, acompanhamento e avaliação dos discentes e campos de estágios curriculares;

XXIX- Solicitar aos docentes os planos de ensino dos componentes curriculares, orientando-os para que os apresentem aos discentes na primeira semana de aula;

XXX- Acompanhar o cumprimento dos componentes curriculares ofertados e a execução dos planos de ensino;

XXXI- Providenciar, com os docentes, a reposição de aulas, em caso de faltas dos docentes, juntamente com o diretor da Unidade Acadêmica;

XXXII- Organizar e acompanhar, juntamente com o diretor da Unidade Acadêmica, os afastamentos e a licença de capacitação de docente; participar de reuniões, treinamentos, capacitações, sempre que convocado por órgão da administração;

XXXIII- Cumprir e fazer cumprir as decisões dos órgãos superiores sobre matérias relativas ao curso, bem como desempenhar as atribuições estabelecidas no regimento do curso;

XXXIV- Participar de grupos de trabalho de desenvolvimento de metodologia de ensino;

XXXV- Planejar e desenvolver atividades de seleção e capacitação dos profissionais (tutores, professores e equipe multidisciplinar) relativas ao curso;

XXXVI- Acompanhar o registro acadêmico dos discentes matriculados no curso;

XXXVII- Registrar os cursos nos órgãos de conselho de classe, quando houver.

### **2.17.3. Regime de trabalho do(a) coordenador(a) do curso**

A coordenação do curso é exercida em 20h semanais, portanto, tempo parcial.

### **2.17.4. Secretaria Acadêmica**

As atividades referentes ao controle e registro dos diversos aspectos relacionados aos discentes do curso de Antropologia da UFOPA, matrícula e registro dos estudantes, lançamento de notas, emissão de histórico e extratos, programas de disciplinas, confecção de diplomas, inscrições no ENADE, recepção e encaminhamento de requerimentos, entre outras, são realizadas na secretaria Acadêmica do Instituto de Ciências da Sociedade.

### **2.17.5. Secretaria Administrativa e Secretaria Executiva**

O Instituto conta ainda com as Secretarias Administrativa e a Executiva. A Secretaria Administrativa possui caráter administrativo e está ligada diretamente à Direção do ICS, tem a responsabilidade de assessorar a Direção na composição, acompanhamento e avaliação de planos e projetos voltados a melhorias necessárias ao pleno desenvolvimento das atividades acadêmico-administrativas do ICS.

A Secretaria Administrativa está composta por dois setores: Setor de Gestão e pelo Setor de Patrimônio.

### 3. DOCENTES

#### 3.1. QUADRO DE TITULAÇÃO E FORMAÇÃO ACADÊMICA DOCENTE

NOME	TITULAÇÃO	REGIME	FUNÇÃO
CARLA RAMOS*	Mestrado	DE	Docente
DIEGO AMOEDO MARTÍNEZ**	Mestrado	DE	Docente
EDUARDO SOARES NUNES	Doutorado	DE	Docente
FLORÊNCIO ALMEIDA VAZ FILHO	Doutorado	DE	Docente
HELENA MOREIRA SCHIEL***	Mestrado	DE	Docente
JULIA DIAS ESCOBAR BRUSSI	Doutorado	DE	Docente
LUCIANA BARROSO COSTA FRANÇA	Doutorado	DE	Docente
LUCIANA GONCALVES DE CARVALHO	Doutorado	DE	Docente
LUCYBETH CAMARGO DE ARRUDA	Doutorado	DE	Docente
MIGUEL APARÍCIO SUAREZ**	Mestrado	DE	Docente
RAIANA MENDES FERRUGEM	Mestrado	DE	Docente

\* Afastada para doutorado – retorno em março de 2019.

\*\* Doutorando com término em março de 2019.

\*\*\* Doutoranda com término em setembro de 2019.

#### 3.2. QUADRO DE PROFESSOR POR DISCIPLINA

##### 3.2.1. Disciplinas Obrigatórias

Período	Disciplinas obrigatórias Antropologia	Professore(s)	Titulação
---------	--	---------------	-----------

1°	Introdução à Antropologia	Diego Amoedo Martínez	Mestre
1°	Introdução à Arqueologia	Myrtle Pearl Shock	Doutora
1°	Metodologia das ciências sociais	Florêncio Vaz	Doutor
1°	História da Amazônia	Lucybeth C. de Arruda	Doutora
2°	Teoria Antropológica I	Luciana França Barroso	Doutora
2°	Etnologia Indígena	Eduardo Soares Nunes	Doutor
2°	Teoria Sociológica	Luciana Carvalho	Doutora
2°	Leituras Etnográficas I	Raiana Mendes Ferrugem	Mestre
3°	Teoria Antropológica II	Miguel Aparício Suarez	Mestre
3°	Arqueologia Amazônica	Claide de Paula Moraes	Doutor
3°	Leituras Etnográficas II	Helena Moreia Schiel	Mestre
3°	Relações Étnico-raciais	Raiana Mendes Ferrugem	Mestre
4°	Teoria Antropológica III	Miguel Aparício Suárez	Mestre
4°	Narrativas Etnográficas	Luciana G. Carvalho	Doutora
4°	Etnoarqueologia	Camila Jácome	Doutor
5°	Teoria Antropológica IV – Antropologia Contemporânea	Eduardo Soares Nunes	Doutor
5°	Antropologia no Brasil	Lucybeth C. de Arruda	Doutora
5°	Métodos e Técnicas em Antropologia Social	Carla Ramos	Mestre
6°	Antropologia Contrahegemônica	Diego Amoedo Martínez	Mestre
6°	TCC I - Leituras Dirigidas	Disciplina vinculada ao professor orientador	Mestre ou Doutor
7°	TCC II – Estágio de Pesquisa Supervisionado	Disciplina vinculada ao professor orientador	Mestre ou Doutor
8°	TCC III – Redação de Monografia	Disciplina vinculada ao professor orientador	Mestre ou Doutor

Período	Disciplinas obrigatórias da Arqueologia ministradas por professores Antropologia	Professore(s)	Titulação
1°	Introdução à Antropologia	Júlia Dias Escobar Brussi	Doutora
2°	Teoria Antropológica I	Luciana França	Doutora

3°	Introdução à Etnografia	Júlia Dias Escobar Brussi	Doutora
----	-------------------------	---------------------------	---------

### 3.2.2. Disciplinas Optativas Obrigatórias

Período	Disciplina Optativas	Professores	Titulação
4° ao 7°	Estudos Afro-Brasileiros I	Raiana Mendes Ferrugem	Mestre
4° ao 7°	Povos e Comunidades Tradicionais	Raiana Mendes Ferrugem	Mestre
4° ao 7°	Estudos Afro-Brasileiros II	Carla Ramos	Mestre
4° ao 7°	Gênero, Política e Sexualidade	Carla Ramos	Mestre
4° ao 7°	Antropologia da Natureza	Miguel Aparício Suárez	Mestre
4° ao 7°	Organização Social e Parentesco	Miguel Aparício Suárez	Mestre
4° ao 7°	Antropologia Econômica	Helena Moreira Schiel	Mestre
4° ao 7°	Estudos do Ritual e do Simbolismo	Helena Moreira Schiel	Mestre
4° ao 7°	Relações Interétnicas	Eduardo Soares Nunes	Doutor
4° ao 7°	Antropologias da Terra	Eduardo Soares Nunes	Doutor
4° ao 7°	Antropologia Rural	Diego Amoedo Martínez	Mestre
4° ao 7°	Antropologia Política	Diego Amoedo Martínez	Mestre
4° ao 7°	Políticas Afirmativas e Direitos Humanos	Florêncio Vaz Filho	Doutor
4° ao 7°	Povos Indígenas na Amazônia	Florêncio Vaz Filho	Doutor
4° ao 7°	Antropologia e História	Lucybeth Camargo de Arruda	Doutora
4° ao 7°	Antropologia Visual	Lucybeth Camargo de Arruda	Doutora
4° ao 7°	Cultura Popular e Sociabilidades	Luciana Gonçalves Carvalho	Doutora
4° ao 7°	Patrimônio Cultural	Luciana Carvalho	Doutora
4° ao 7°	Antropologia da Educação	Luciana Barroso França	Doutora
4° ao 7°	Antropologia da Saúde e da Doença	Luciana Barroso França	Doutor
4° ao 7°	Antropologia do Desenvolvimento	Júlia Escobar Brussi	Doutor
4° ao 7°	Antropologia da Religião	Júlia Escobar Brussi	Doutor
1°	Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos I	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
3°	Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos II	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
5°	Laboratório de Textos Antropológicos e	Todos os professores de	Doutor ou

	Arqueológicos III	Antropologia	Mestre
7º	Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos IV	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
4º ao 7º	Tópicos Especiais em Antropologia I	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
4º ao 7º	Tópicos Especiais em Antropologia II	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
4º ao 7º	Tópicos Especiais em Antropologia III	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
4º ao 7º	Tópicos Especiais em Antropologia e Arqueologia IV	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
4º ao 7º	Tópicos Especiais em Antropologia e Arqueologia	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre

### 3.3. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE – COMPOSIÇÃO DO NDE

O núcleo docente estruturante (NDE) do curso de Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará foi constituído visando ao desenvolvimento adequado e eficiente do curso e segue com as funções estabelecidas na Resolução nº 177, de 20/01/2017 – Regimento de Graduação. O NDE tem autonomia para propor mudanças e adequações no Projeto Político Pedagógico do Curso (PPC) e sua implementação prática de acordo com o disposto na resolução nº 01/2010 - CONAES. O NDE realiza reuniões mensais e, também, em ocasiões que demandem, em conjunto com o núcleo docente estruturante do curso de Arqueologia, para discutir, debater, construir e reconstruir os PPCs dos cursos. Após a elaboração e seguidas discussões junto ao corpo docente do curso e aprovação do PPC, o NDE tem acompanhado a realização dos pontos relevantes para o encaminhamento técnico político, científico e cultural do curso. O NDE tem atuado, assim, na elaboração e avaliação do PPC, verificando as fragilidades e potencialidades do curso, propondo alterações, quando necessário e refletindo sobre as necessidades pertinentes ao funcionamento do curso.

A composição do NDE foi inicialmente designada pela portaria Nº 04 de 03 de Fevereiro de 2012, com alterações propostas e aprovadas em reuniões do Colegiado do Programa de Antropologia e Arqueologia, registradas em atas e encaminhadas às instâncias competentes gerando as Portarias Nº 1.777, de 1º de Agosto de 2014, Nº 1.217, de 12 de Maio de 2015, Nº 19, de 18 de maio de 2016, Nº 33 de 24 de julho de 2017, Nº 50 de 30 de novembro de 2017 e, a composição atual através da Portaria Nº 04 de 29 de Janeiro de 2018/ICS, que é a seguinte:

1. Lucybeth Camargo de Arruda, doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas.

2. Profa. Raiana Mendes Ferrugem, Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas.
3. Profa. Helena Schiel, Mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo.
4. Profa. Luciana Barroso Costa França, doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
5. Prof. Miguel Aparício Suarez, Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Amazonas.
6. Professor Eduardo Soares Nunes, Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília.
7. Professor Diego Amoedo Martínez, Mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas.
8. Prof. Florêncio Almeida Vaz Filho, Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia.

#### **4. INFRAESTUTURA**

Os professores do curso de bacharelado em Antropologia da UFOPA, que está sediado no Instituto de Ciências da Sociedade, contam, para suas atividades, com três (3) salas que são utilizadas de forma compartilhada com os docentes do curso de bacharelado em Arqueologia. Os espaços estão assim organizados: Uma sala de cerca de 8m<sup>2</sup> com capacidade para 3 docentes; e duas salas de cerca de 13 m<sup>2</sup>, com capacidade para 4 docentes cada.

As salas estão equipadas com mesas, cadeiras, computadores e armários, destinados individualmente a cada docente. As salas apresentam condições de iluminação, refrigeração e limpeza, adequadas. O acesso às instalações é feito por escadas e elevadores. Nesses espaços são destinados à preparação de aulas, correção de avaliações, pequenas reuniões de orientação quando há um dos espaços vazio etc.

Em tempo parcial dedicado à pesquisa (20 horas), cinco professores do bacharelado de Antropologia compartilham duas salas de 68 m<sup>2</sup> (distribuição três e dois professores) para o desenvolvimento de projetos de pesquisa e orientação de planos de trabalho para alunos que estão desenvolvendo pesquisa de iniciação científica em nível de graduação e ensino médio (PIBIC/UFOPA; PIBIC/FAPESPA e PROEXT).

#### **4.1. SALAS DE AULA**

Alunos e professores do curso de Antropologia contam com quatro salas para aulas, que são usadas de forma compartilhada com os outros cursos que constituem o ICS, estando assim organizada a sua utilização:

Salas 306, 308, 310 – Com 68 M<sup>2</sup> e Salas 312 e 314 – Com 69,9 M<sup>2</sup> e capacidade para 50 alunos cada, são utilizadas pelo curso de Antropologia nos períodos da manhã e da tarde, estando reservadas no turno da noite aos cursos de Ciências Econômicas, Direito e de Gestão e Desenvolvimento Regional. Ambas, estão equipadas com Datashow e laptop (docentes retiram os equipamentos na Secretaria Acadêmica, sala 216) e apresentam condições de conservação, limpeza, iluminação, acústica e refrigeração no limite do adequado. O acesso às instalações é feito por escadas e elevadores.

#### **4.2. INSTALAÇÕES PARA DOCENTES DO CURSO**

Atualmente, os docentes do curso de Antropologia contam com três salas de professores de uso compartilhado entre os cursos de bacharelado em Antropologia e em Arqueologia que estão lotados no Instituto de Ciências da Sociedade/ICS, da UFOPA.

#### **4.3. INSTALAÇÕES PARA COORDENAÇÃO DO CURSO**

Na atual estrutura administrativa da UFOPA, o curso de bacharelado em Antropologia está vinculado ao Instituto de Ciências da Sociedade (ICS), contando com o coordenador do bacharelado em Antropologia. Para o exercício de suas funções, o coordenador dispõe de uma sala com cerca de 10m<sup>2</sup> (com banheiro), equipada com uma mesa, armário, três cadeiras, um computador.

A coordenadora conta com 01 funcionário ligado diretamente à coordenação que está localizado em sala ao lado, onde funciona as secretarias administrativas dos cursos de Antropologia e Arqueologia. Ainda para o atendimento à coordenação, aos professores e aos alunos, dependendo da demanda, há a estrutura das secretárias acadêmica, técnica e administrativa em nível de Instituto.

A sala da coordenação possui condições de iluminação, acústica, ventilação e comodidade, adequados. O acesso às instalações é feito por escadas e elevadores.

#### **4.4. AUDITÓRIOS**

Os auditórios da Universidade são de uso comum de todos os cursos, dependendo apenas de agendamento prévio. No campus Tapajós o auditório é equipado com sistema interno de som, telão, projetor de imagens e cadeiras para 600 pessoas. O espaço do auditório é reversível podendo ser transformado em dois auditórios para 300 pessoas. No campus Marechal Rondon o auditório está equipado com sistema de som, projeção de imagens e lugares para 200 expectadores. Há ainda 02 mine auditórios no anexo ao Campus Amazônia, no Instituto de Ciência e Tecnologia das Águas e um auditório com capacidade de 400 pessoas.

#### **4.5. BIBLIOTECA**

A UFOPA dispõe de 3 bibliotecas na Sede e 1 no Campus de Oriximiná. O curso de Antropologia tem a maioria do seu acervo na Biblioteca do Campus Amazônia, porém, compartilha acervo que está no Campus Rondon e Tapajós, pois, os Institutos englobam os cursos por áreas temáticas e não, necessariamente, por áreas do conhecimento.

##### **4.5.1. Biblioteca do Campus Rondon (Central)**

Tem uma área total de 372,80 m<sup>2</sup>, dividida em Térreo: Hall, banheiros feminino e masculino; recepção/atendimento, escada, elevador para PNE, armário para guarda-volumes e área específica para acervo, acondicionado em mobiliário adequado para sua organização.

No 1º piso localiza-se: 1 sala para Direção, 2 salas para o processamento técnico, 1 sala de guarda de acervo, 1 sala de estudo em grupo para até 8 pessoas, equipado com TV e data show e mais área de estudo, estruturado com 3 cabines individuais de estudo, 9 cabines com computadores para acesso à internet e 7 mesas de estudo coletivo, 18 mesas de estudo individual e 7 estantes para periódicos.

Tem em sua estrutura câmeras de segurança instaladas no térreo e 1º piso, apresenta iluminação e climatização em condições satisfatórias, sendo realizadas limpezas diariamente em todos os ambientes.

##### **4.5.2. Biblioteca da Unidade Tapajós**

Conta com uma área total de 274,22 m<sup>2</sup> que se divide em: 1 Hall de entrada, com balcão para atendimento aos usuários; armários guarda-volumes; 1 sala com o acervo bibliográfico do campus, acondicionado em mobiliário adequado para sua organização, numa área de 57,62 m<sup>2</sup>;

Área para estudo coletivo e 3 sala para estudo em grupo (até 6 pessoas); 1 sala com 20 cabines individuais de estudo, 5 computadores para acesso à internet e 9 mesas para estudo individual; 1 sala administrativa, para o processamento técnico do material bibliográfico e audiovisual. Apresenta iluminação e climatização em condições satisfatórias.

#### **4.5.3. Biblioteca da Unidade Amazônia (ICS)**

Conta com uma área total de 197,13 (m<sup>2</sup>) que se divide em: 1 Hall de entrada com balcão para atendimento aos usuários, dispondo de armário guarda-volumes; 1 sala de estudo em grupo (até 8 pessoas, com TV e data show); 4 computadores para acesso à internet; 1 sala administrativa, para o processamento técnico do material bibliográfico e audiovisual, com 1 banheiro interno e 1 copa; 1 sala com o acervo bibliográfico do campus, numa área de 67,76m<sup>2</sup>; área para estudo coletivo, com 11 cabines individuais para estudo e mesas para estudo em grupo; banheiros feminino e masculino.

### **4.6. LABORATÓRIOS**

#### **4.6.1. Laboratórios de Informática**

A instituição oferece acesso à informática no primeiro andar do prédio, onde funciona um laboratório de ensino e informática, com 65, 4 m<sup>2</sup> com capacidade para 25 alunos nos monitores e até 40 alunos para atividades com instrumento audiovisual. Os dias de funcionamento são de segunda a sexta-feira, e os horários de atendimentos aos discentes ocorrem em dois (02) turnos: matutino e vespertino. O laboratório pode ser utilizado também aos sábados, mediante reserva e presença de um docente da instituição. O laboratório é de uso compartilhado. Nos computadores, os alunos contam com sistema Linux e Microsoft. O Programa de Antropologia e Arqueologia possui máquinas fotográficas, filmadoras, notebooks, gravadores e aparelhos de Datashow que são disponibilizados para os professores e alunos para viagem de trabalho de campo e quando necessário para o uso em sala de aula. A instituição também oferece acesso à informática aos discentes, junto à Biblioteca do Campus Rondon e Amazônia. Os dias de funcionamento são de segunda a sexta-feira, e os horários de atendimentos aos discentes ocorrem nos três (03) turnos de funcionamento da instituição: matutino, vespertino e noturno. Além disso, a comunidade acadêmica dispõe de acesso à rede Wi-Fi em todos campus (Amazônia, Tapajós e Rondon). Através do Sistema Integrado de

Gestão de Atividades Acadêmicas – SIGAA – o estudante pode acompanhar seu percurso acadêmico, tendo acesso às suas informações cadastrais, histórico acadêmico, disciplinas matriculadas, rendimento, entre outros.

#### **4.7. CONDIÇÕES DE ACESSO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

O curso de Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará funciona em um prédio situado na Avenida Mendonça Furtado nº 2.949, bairro de Fátima, locado, atualmente, exclusivamente para a UFOPA.

O prédio atende as normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, atendendo a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência adotado pela ONU em 2006, ratificado com equivalência de emenda constitucional no Brasil, através do Decreto Legislativo nº 186/2008 e promulgado por meio Decreto no 6.949, de 25 de agosto de 2009. A estrutura atual possui dois elevadores os quais permitem o acesso a todos os setores da instituição, dentre eles salas de aula, bibliotecas, auditórios, laboratórios, áreas de lazer e sanitários. Ambos elevadores são submetidos à manutenção alternada garantindo o funcionamento permanente.

Os banheiros são adaptados e seguem o padrão legal exigido. Destacamos ainda que após participação de representantes da UFOPA no “Seminário Incluir” em Brasília (ano de 2013), foi feita socialização das informações no Seminário de Acessibilidade no âmbito da Ufopa, em seguida foi instituído o Grupo de Trabalho (GT) Pró Acessibilidade, Portaria nº 1.293, de 12 de Agosto de 2013, com a participação de setores estratégicos, nos quais incluem unidades Acadêmicas e Administrativas da Ufopa e posterior realização de reuniões periódicas; Realização do I Seminário de Acessibilidade da Ufopa no de 2013 com a participação da Profa. Martinha Clarete Dutra dos Santos (SECADI/MEC) e do Prof. Evandro Guimarães (UFMA), Parceria com o Grupo de Estudos e Pesquisa de Surdos da Ufopa (GEPES).

Em abril de 2014 foi instituído o Núcleo de Acessibilidade da Ufopa por meio da Portaria nº 1.376. Sua composição conta com a participação de setores estratégicos da Universidade. Este Núcleo tem como objetivos fomentar o debate sobre a inclusão e acessibilidade, assim como realiza ações para a inserção dos alunos com deficiência no ensino superior, incluindo pessoas com transtorno do espectro autista (conforme disposto na Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012), tornando-se um importante serviço de assessoria aos Institutos e aos respectivos cursos. Esse realiza ações e atividades de pesquisa e extensão, os quais colaboram com dados informativos, pesquisas e formação continuada à comunidade

acadêmica e geral. Algumas atividades desempenhadas pelo Núcleo de acessibilidade a fim de dar condições de ingresso e permanência aos estudantes com deficiência; disponibilização de tradutor intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para estudantes e docentes surdos; acompanhamento em sala de aula do aluno com deficiência; promoção de cursos e eventos para a comunidade interna e externa, como curso de LIBRAS e Brailes e cursos de orientação e mobilidade. : discutir e instituir políticas institucionais de Acessibilidade no âmbito da Ufopa.

## **5. INFRAESTRUTURA**

### **5.1. SEGURANÇA**

A segurança da UFOPA é realizada por uma empresa terceirizada sendo supervisionada pela Diretoria de Segurança que está vinculada à Superintendência de Infraestrutura.

Na Unidade Amazônia onde se localiza o curso de Antropologia existem cinco postos de serviço:

- o posto de serviço do setor administrativo/CFI: 01 posto de serviço de jornada de trabalho de 24h, composto por 04 vigilantes armados trabalhando 12X36h, 01 diariamente por turno.
- Posto de serviço do ICS/PROCCE: 01 posto de serviço de jornada de trabalho de 24h, composto por 04 vigilantes armados trabalhando 12X36h, 01 diariamente por turno.
- Posto de serviço da garagem: 01 posto de serviço de jornada de trabalho de 24h, composto por 04 vigilantes armados trabalhando 12X36h, 01 diariamente por turno.
- Posto de serviço da Reitoria: 01 posto de serviço de jornada de trabalho de 24h, composto por 04 vigilantes armados trabalhando 12X36h, 01 diariamente por turno.
- Posto de serviço do Prédio Anexo/ICTA: 01 posto de serviço de jornada de trabalho de 24h, composto por 04 vigilantes armados trabalhando 12X36h, 01 diariamente por turno.

## 5.2. APOIO AOS DISCENTES

A Política de Assistência Estudantil na UFOPA é um arcabouço de princípios e diretrizes que orientam a elaboração e implementação de ações que garantam o acesso, a permanência e a conclusão de curso dos estudantes com vistas à inclusão social, formação plena, produção de conhecimento, melhoria do desempenho acadêmico e ao bem estar biopsicossocial.

A regulamentação e estruturação da Política de Assistência Estudantil na UFOPA seguirá aos princípios gerais do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), Decreto nº 7.234/2010, do Ministério da Educação, compreendendo: A afirmação da Educação como uma política de Estado; Gratuidade do ensino; Igualdade de condições para o acesso, permanência e conclusão de curso na UFOPA; Formação ampliada na sustentação do pleno desenvolvimento integral dos estudantes; Garantia da democratização e da qualidade dos serviços prestados à comunidade estudantil; Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; Orientação humanística e preparação para o exercício pleno da cidadania; Defesa em favor da justiça social e eliminação de todas as formas de preconceitos; Pluralismo de ideias e reconhecimento da liberdade como valor ético central; e Integração com as atividades fins da UFOPA: ensino, pesquisa e extensão.

Na busca de se iniciar uma política da Assistência Estudantil já estão implantados na UFOPA, os Programas de Permanência Estudantil e os Jogos Internos da UFOPA, coordenados pela PROGES. Destes, vamos especificar o Programa de Permanência Estudantil da UFOPA que está implementado na forma de repasse de auxílios financeiros aos discentes caracterizados como em situação de vulnerabilidade social, e que, portanto, não possuem condição de arcar com o custeio total de suas despesas com alimentação, moradia, aquisição de material didático e transporte. Esse programa também inclui os estudantes indígenas, ingressos por um Processo Seletivo Especial, em que são consideradas as condições étnicas dos estudantes.

Estas ações estão desde dezembro de 2014 sob a gestão da Pró-Reitoria de Gestão Estudantil que ainda agrega uma Diretoria de Ações Afirmativas e desenvolve parte significativa das ações de atendimento aos estudantes.

Entre as atribuições da Diretoria de Ações Afirmativas, uma Coordenação de Cidadania e Igualdade Étnico Racial, uma Diretoria de Assistência Estudantil e uma Coordenação Psicossociopedagógica que juntos, estão desenvolvendo ações e atividades que favoreçam a melhoria no nível de satisfação do aluno, a sua permanência e a sua integração com e na

Instituição. São esferas técnico-científico, que devem atuar nas frentes psicopedagógica e social. Deve desenvolver programas e ações que favoreçam o envolvimento dos alunos na dinâmica do processo ensino-aprendizagem para a adaptação e permanência no Ensino Superior. A UFOPA oferece ainda, serviço de Ouvidoria, com atendimento à comunidade interna e externa através de e-mail, telefone e atendimento presencial, visando o bem estar das pessoas envolvidas, com imparcialidade, ética e sigilo. Este setor é classificado como um Órgão Suplementar, ainda ligado diretamente à reitoria, porém com o repasse das demandas aos setores competentes.

É possibilitado aos discentes bolsas de monitoria e de iniciação científica (PIBIC), PIBIT, PIBID, cuja seleção de bolsistas ocorre por meio de edital específico, que levam em consideração principalmente o desempenho acadêmico.

O Programa de Antropologia e Arqueologia possui alunos desenvolvendo pesquisas de iniciação científica PIBIC/UFOPA, PROEXT-UFOPA, PIBIC/FAPESPA, PIBEX, PIBIC/CNPq, PROEXT/IPHAN e alunos do Ensino Médio com bolsas PIBIC-EM. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio desempenha uma função importante de disseminação e dos conhecimentos científicos para os estudantes do Ensino Médio. Especialmente, os bolsistas do Programa de Antropologia e Arqueologia vinculados ao PIBIC-EM, são estudantes das comunidades quilombolas do município de Santarém. Essa escolha é reflexo direto da atenção que temos em relação à promoção das ações afirmativas no interior das universidades brasileiras de maneira geral e, da Ufopa particularmente. A inclusão dos estudantes negros, quilombolas e indígenas no ensino superior e na pesquisa são pontos relevantes que atravessam as ações dos docentes do Programa de Antropologia e Arqueologia permanentemente.

Nos últimos anos, sete discentes do programa de Antropologia e Arqueologia foram contemplados com bolsas de mobilidade externa nacional, participando de atividades de ensino e pesquisa nas seguintes instituições (USP, UFSC, UFF, UFRRJ, UFPA). A instituição destina também recursos para a saída de discentes para participar de congressos nacionais e internacionais.

Para a renovação de matrícula a IES oferece a possibilidade do acompanhamento individualizado das disciplinas em sua matriz curricular, quando os coordenadores de curso, junto à sua equipe de professores, realizam o aconselhamento de matrícula, momento em que aluno é orientado para que o curso seja conduzido adequadamente.



Além desse acompanhamento pedagógico, a coordenação do Programa de Antropologia e Arqueologia realiza reuniões a cada início de semestre com os alunos com a intenção de incluí-los nas discussões e planejamentos referente aos cursos. Nas reuniões ordinárias do colegiado de curso há uma cadeira com direito a voz e voto do representante dos discentes, um de Antropologia e um de Arqueologia.

## **6. ATO AUTORIZATIVO**

PORTARIA: nº 141

DATA DO DOCUMENTO: 19/02/2013

DATA DE PUBLICAÇÃO: 26/02/2013

DATA DE CRIAÇÃO DO CURSO: 19/02/2013

DATA EM QUE O CURSO INICIOU: 01/03/2011

## 7. ANEXOS

## 7.1 MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

### COMPONENTE CURRICULAR

#### 1º PERÍODO

#### INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA

Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** O que é a Antropologia. Origem da disciplina. Relativismo Cultural como ferramenta analítica. Observação Participante e Trabalho de campo. Campo atual da disciplina.

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DA MATTA, Roberto. 1981. *Relativizando. Uma Introdução à Antropologia*. Petrópolis: Vozes.  
CASTRO, Celso. *Evolucionismo Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2005.  
LAPLANTINI, François. 1988. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Ed. Brasiliense. 8ª Ed. 1994.

#### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LARAIA, Roque. 1986. *Cultura. Um conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor  
EVANS-PRITCHARD, E. E. 1989. *História do Pensamento Antropológico*. Lisboa: Edições 70  
LÉVI-STRAUSS, Claude. 1976. “Raça e História” in: *Antropologia Estrutural Dois*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro  
LEACH, Edmund. *Repensando a Antropologia*. São Paulo, Perspectiva. 1974.  
CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. São Paulo, Bauru, Edusc, 1999.

#### INTRODUÇÃO À ARQUEOLOGIA

Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** Relações entre a Arqueologia e as ciências humanas. Introdução sobre Teoria Arqueológica. Relações entre Arqueologia e contextos sociais.

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

TRIGGER, B.G. 2004. In: *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo, Odysseus Editora Ltda. pp. 18-25  
NEVES, W.A. & PILÓ, L.B. 2008. *O Povo de Luzia*. São Paulo, Editora Globo.  
NEVES, E. G. *Arqueologia Amazônia*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

#### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

PROUS, A. *Arqueologia brasileira*. Brasília: UNB, 1992.

- FUNARI, P.P.A. 1999/00 Como se tornar um Arqueólogo no Brasil. Revista da USP, Vol.44, Dez-Fev, pp. 74-85
- ZANETTINI, P. 2010. Qual o Futuro Desejamos para a Arqueologia no Brasil. Arqueologia em Debate: Jornal da Sociedade de Arqueologia Brasileira, n.2, pp. 19-22
- MOBERG, Carl Axel. Introdução à Arqueologia. Lisboa, Edições 70, 1986
- MEGGERS, B.J. 1979. Pré-História Sul Americana, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra pp. 65-136

## METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

### Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** Introdução à linguagem e formatos acadêmicos. Resenha, resumo, fichamento e uso de bibliografia. Epistemologia e fundamentos das Ciências Sociais. Natureza do conhecimento antropológico. Trabalho de campo como metodologia da pesquisa antropológica.

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BRUYNE, Paul de. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica. 5. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.
- DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2014.
- DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. 3. ed. - Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

#### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Antropologia e a crise dos modelos explicativos. *Estudos Avançados*, vol. 9, n. 25: pp. 213-228, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v9n25/v9n25a17.pdf>
- GOLDMAN, M. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, v. 46, n. 2, p. 423-444, 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27171/28943>.
- CARDOSO DE OLIVERA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, vol. 39, n. 1: pp. 13-37, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/111579/109656>.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>

## HISTÓRIA DA AMAZÔNIA

### Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** Processos de colonização. Primeiros exploradores, viajantes e naturalistas. A Amazônia entre os séculos XVI a XX

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- UGARTE, A. S. Sertões de Bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (séculos XVI-XVII). Manaus: Editora Valer, 2009.
- DIAS, E. M. A ilusão do fausto – Manaus, 1890-1920. Manaus: Editora Valer, 1999.
- MELO, Wilverson Rodrigo Silva de. Tempos de revoltas no Brasil oitocentista: ressignificação da cabanagem no baixo tapajós (1831-1840). Curitiba, CRV. 2017

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- FUNES, Eurípedes A. “Nasci nas matas, nunca tive senhor’. História e memória dos mocambos do baixo Amazonas”. In: REIS, João José & GOMES, Flávio. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz de. “Índios cristãos no cotidiano das colônias do norte (séculos XVII e XVIII)”. In: *Revista de História*, nº 168, 2013, pp. 69-99.  
Link: <http://www.scielo.br/pdf/rh/n168/0034-8309-rh-168-00069.pdf>
- BATISTA, Luciana Marinho. *Muito além dos seringais: elites, fortunas e hierarquias no Grão-Pará, c.1850 - c.1870*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- GRINBERG, K. e SALLES, R. O Brasil Imperial, volume II; 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SECRETO, Maria Verónica. “A ocupação dos ‘espaços vazios’ no governo Vargas: do ‘discurso do Rio Amazonas’ à saga dos soldados da borracha”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº 40, pp. 115-135, 2007.

## **2º PERÍODO**

### **TEORIA ANTROPOLÓGICA I** **Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Ambientar o aluno com as primeiras interpretações que a antropologia elaborou sobre a vida social e simbólica dos povos nativos, a partir da expansão colonial europeia no século XIX e início do XX. Apresentar a/o discente iniciante os *Conceitos* com que os autores dessa fase lidavam, tais como evolução, cultura, áreas culturais, função, estrutura. Alguns desses conceitos são perenes e seguem, direta ou indiretamente, sendo usados pela antropologia contemporânea.

### **BIBLIOGRAFIA OBRIGATÓRIA**

- CASTRO, C. *Evolucionismo Cultural: Textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- RADCLIFFE-BROWN, A.R. *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Petrópolis: Vozes, 2013
- CASTRO, Celso (org.). *Franz Boas: Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2004.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- RADCLIFFE-BROWN, A.R. “O método comparativo em Antropologia Social” *in*:  
*Radcliffe Brown*. São Paulo: Ed. Atica (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- BENEDICT, Ruth. *Padrões de Cultura*. Lisboa: Edição Livros do Brasil.
- HERSKOVITS, Melville J.. *Antropologia cultural: man and his works II*. São Paulo:  
 Editora Mestre Jou, 1963.
- MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GONZALEZ MUÑIZ, Eduardo. **En torno al análisis de los valores en antropología: el caso de la etnografía en situación colonial**. *Nueva antropol*, vol.24, no.74, 2011. p.159-180. Disponível em :  
<http://www.scielo.org.mx/pdf/na/v24n74/v24n74a7.pdf>

## ETNOLOGIA INDÍGENA

### Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** Apresentar os principais temas da etnologia das terras baixas da América do Sul: um quadro arqueológico, histórico, linguístico e geográfico dos povos indígenas dessa região. Desenvolver diferentes unidades temáticas como a organização social, a cosmologia, a mitologia, o xamanismo, a arte, a política e a questão do contato.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.
- CLASTRES, Pierre. “A sociedade contra o Estado”. In.: *A sociedade contra o Estado*, São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem”. In.: *A Inconstância da Alma Selvagem – e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- URBAN, Greg. “A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas”. In.: CUNHA, Manuela C. da (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 1992.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “O futuro da questão indígena”. In.: *Cultura com Aspas*, São Paulo: Cosac Naify, p. 259-274, 2009.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. “Uma Etnologia dos “Índios Misturados”? Situação Colonial, Territorialização e Fluxos Culturais”. *Mana* Vol.4, N.1,1998. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010493131998000100003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010493131998000100003&script=sci_arttext)
- SZTUTMAN, Renato. *O profeta e o principal: a ação política ameríndia e seus personagens*. São Paulo: Edusp, 2012.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. “No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é”. In.: RICARDO, Fany (Ed.). *Povos indígenas no Brasil: 2001-2005*. São Paulo: Instituto

Socioambiental, 2006. Disponível em:  
[http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB\\_institucional/No\\_Brasil\\_todo\\_mundo\\_%C3%A9\\_%C3%ADndio.pdf](http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%ADndio.pdf)

## TEORIA SOCIOLOGICA

**Ementa:** Teorias sociológicas em diálogo com Antropologia: indivíduo, sociedade, ação social, representação, interação, sociedades em rede e movimentos sociais.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BERGER, P, LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2006.  
LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia geral**. São Paulo: Atlas, 1990.  
ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MARX, K. **O Capital**. livro I, Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 53-70  
DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.  
WEBER, M. **Economia e sociedade**. Brasília: UNB, 2015.  
ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.  
GOFFMAN, Ervin. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2006.

## LEITURAS ETNOGRÁFICAS I

**Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Leitura de trabalhos etnográficos clássicos e reflexão teórica e metodológica sobre sua contribuição para a Antropologia.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DUMONT, Louis. *Homo hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações*. São Paulo, Edusp, 2008.  
BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada: padrões de cultura*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2014.  
LÉVI-STRAUSS. *Tristes Trópicos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CERQUEIRA, Ana C. *O Povo Parente dos Buracos: mexida de prosa e cozinha no cerrado mineiro*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, PPGAS-MN/UFRJ, 2010. Disponível em <http://objdig.ufrj.br/72/teses/743825.pdf>

VANZOLINI, Marina. *A flecha do ciúme: o parentesco e seu avesso segundo os Aweti do Alto Xingu*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, PPGAS-MN/UFRJ, 2010. Disponível em <http://objdig.ufrj.br/72/teses/746021.pdf>

MENEZES, Elieyd S. Identidades coletivas e conflitos sociais: os Piaçabeiros no Médio Rio Negro. Dissertação de Mestrado. Manaus, UFAM, 2012. Disponível em: <http://ppgas.ufam.edu.br/attachments/article/7/Dissertação%20-%20Elieyd%20Menezes%20-%20Os%20piaçabeiros.pdf>

RUI, Taniele. Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280382>

MELLO, Marcelo Moura. Caminhos criativos da história: territórios da memória em uma comunidade negra rural. Dissertação de mestrado. Campinas, UNICAMP, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281912>

### 3º PERÍODO

#### TEORIA ANTROPOLÓGICA II Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** Fundamentos teóricos e procedimentos analíticos da Escola Sociológica Francesa, a partir da leitura das obras de Émile Durkheim e Marcel Mauss, do Estruturalismo de Claude Lévi-Strauss e das contribuições de Pierre Clastres e Louis Dumont.

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva Forma e razão da troca nas sociedades primitivas*. In. *Sociologia e antropologia*, São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.
- CLASTRES, Pierre. 2003. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac Naify, 2003

#### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da Violência. Pesquisas de Antropologia Política*. São Paulo, Cosac Naify, 2004
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LÉVI BRUHL, Lucien. *A mentalidade primitiva*. Paulus Editora, São Paulo, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural 1*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O totemismo hoje*. Lisboa: Edições 70, 1986.

## LEITURAS ETNOGRÁFICAS II

### Carga Horária (60 horas/aula)

**Ementa:** Leitura de trabalhos etnográficos contemporâneos e reflexão sobre sua contribuição para a Antropologia.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- LEACH, Edmund. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia: um estudo da estrutura social Kachin*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1997.
- GALLOIS, Dominique T. *Migração, guerra e comércio: os Waiapi na Guiana*. São Paulo, Edusp, 1986.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BARBOSA NETO, Edgar Rodrigues. *A máquina do mundo: variações sobre o politeísmo em coletivos afro-brasileiros*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, PPGAS-MN/UFRJ, 2012. Disponível em <http://objdig.ufrj.br/72/teses/780960.pdf>
- SAUTCHUCK, Carlos Emanuel. *O arpão e o anzol: técnicas e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriçu, Amapá)*. Tese de doutorado, Brasília, UNB, 2007. Disponível em: [http://dan.unb.br/images/doc/Tese\\_079.pdf](http://dan.unb.br/images/doc/Tese_079.pdf)
- LEAL, Natacha Simeí. *Nome aos bois, Zebus e zebuzeiros em uma pecuária brasileira de elite*. Tese de doutorado, São Paulo, USP, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/66isponiveis/8/8134/tde-12052015-102330/pt-br.php>
- GUERREIRO JÚNIOR, Antonio R. *Ancestrais e suas sombras: uma etnografia da cheia kalapalo e seu ritual mortuário*, Tese de doutorado, Brasília, UnB, 2012. Disponível em: [http://dan.unb.br/images/doc/Tese\\_105.pdf](http://dan.unb.br/images/doc/Tese_105.pdf)
- MACEDO, Ulla. *A dona do corpo: um olhar sobre a reprodução entre os Tupinambá da Serra-Ba*. Dissertação de mestrado. Salvad

## RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

### Carga Horária (60 horas/aula)

Desigualdade e relações étnico-raciais no Brasil e na América Latina. Raça, etnia e mestiçagem. Identidade nacional e identidades étnico-raciais. Culturas afro-brasileiras, religiões de matriz africana e resistência negra. Discriminação e racismo. Políticas públicas de promoção da igualdade de oportunidades e justiça social.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- SANSONE, Lívio. *Negritude sem etnicidade: O Local e o Global nas Relações Raciais e na Produção Cultural Negra do Brasil*. Salvador, Rio de Janeiro, Edfba e Pallas, 2007.
- BASTIDE, Roger. FERNANDES, Florestan. *Branços e negros em São Paulo: Ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. 4º Ed. Global, São Paulo. 2004.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GONZALEZ, Lelia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984. Disponível:

<http://xa.yimg.com/kq/groups/17805790/1123062368/name/RACISMO+E+SEXISMO+NA+CULTURA+BRASILEIRA.pdf>

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Racismo e antirracismo no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, No. 43, Novembro de 1995, p. 26-44. Disponível:

[http://novosestudios.org.br/v1/files/uploads/contents/77/20080626\\_racismo\\_e\\_anti\\_racismo.pdf](http://novosestudios.org.br/v1/files/uploads/contents/77/20080626_racismo_e_anti_racismo.pdf)

COSTA, Sérgio. A mestiçagem e seus contrários – etnicidade e nacionalidade no Brasil contemporâneo. *Tempo Social; Ver. Sociol.* USP, S. Paulo, 13(1), p. 143-158, maio de 2001.

Disponível: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/viewFile/12354/14131>

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. *Pesqui. Prát. Psicossociais*, vol.9, no.2. São João del Rei, p. 257-266, dez. 2014. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082014000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082014000200011)

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUFBA, 2008. Disponível:

<https://www.dropbox.com/s/kheypr7ngw42mo/pele%20negra%2C%20m%C3%A1scaras%20brancas.pdf?dl=0>

## ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA

**Carga Horária (60 horas/aula)**

**Ementa** - Panorama amplo sobre a Arqueologia Amazônica, introduzindo as grandes discussões e seus desenvolvimentos, apresentando as diferentes perspectivas ao lado dos conjuntos de dados que serviram como base para os argumentos. Embora as evidências discutidas sejam em primeiro lugar arqueológicas, ficará claro que muitas das teorias e modelos propostos se baseiam também em outras áreas do conhecimento, como a antropologia (etnologia), a etnohistória, a linguística, a geografia e a ecologia, dentre outros. As discussões girarão em torno de quatro questões principais: (1) Quem eram os ancestrais dos atuais povos indígenas da Amazônia? (2) Quando e que tipos de adaptação foram desenvolvidos por povos amazônicos antigos, e em que medida estes modificaram/ moldaram a paisagem da região? (3) Quando, como e por que as sociedades tornaram-se (ou não) sedentárias e dependentes sobre a agricultura? (4) Quais são perspectivas atuais – incluindo dos próprios povos indígenas – sobre a Arqueologia Amazônica?

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FAUSTO, C. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

LATHRAP, D. *O Alto Amazonas*, Lisboa, 1970.

PEREIRA, E. e V. GUAPINDAIA. *Arqueologia Amazônica* (Vol. 1 e 2). MPEG. 2010.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BALÉE, W. 1993. Biodiversidade e os índios amazônicos. In: Viveiros de Castro, E. & Cunha, M.M.C. (orgs.) *Amazônia: etnologia e história indígena*. São Paulo: NHHI-USP-FAPESP.
- NEVES, W. A. (org.). 1991. Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia. Belém: MPEG/CNPq/SCT/PR.
- MEGGERS, B. 1998. O paraíso ilusório revisitado. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 8:33-55.
- NEVES, E. G. 2005. O lugar dos lugares. Escala e intensidade das modificações paisagísticas na Amazônia Central pré-colonial em comparação com a Amazônia contemporânea. *Ciência & Ambiente*, vol 31. Amazônia: recursos naturais e história, pp. 79-91.
- SILVA, F.A. 2002. Mito e Arqueologia: A interpretação dos Asurini do Xingu sobre os vestígios arqueológicos encontrados no Parque Indígena Kuatinemu – Pará. *Horizontes Antropológicos*, 8(18), p. 175-187.

#### **4º PERÍODO**

### **TEORIA ANTROPOLÓGICA III**

#### **Carga Horária (60 horas/aulas)**

Debates em torno conceitos de estrutura, ação, processo e história na teoria antropológica. Articulação e as tensões entre práticas sociais e estrutura e os desafios que esta articulação traz para a teoria social. Teorias estruturalistas de tradição inglesa e francesa; como elas incorporaram a análise da dimensão dos processos sociais; e quais são seus desdobramentos mais contemporâneos que as articulam em torno dos conceitos de ação e história.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- MARSHALL SAHLINS, *Ilhas de História* trad. M. B. M. Leite, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- RADCLIFFE-BROWN. “Sobre a Estrutura Social”. In: *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- TURNER, Victor W. *O Processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis, Vozes, 2013.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- BOURDIEU, Pierre. *sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papyrus, 2011.
- DUMONT, L. *Homo Hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações*, São Paulo, Edusp, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª Ed., 2016.
- GLUCKMAN, Max. “Análise de uma situação social na Zululândia moderna” (Partes I e II, p. 227-305) In: *Antropologia das sociedades contemporâneas – métodos* (org. Bela Feldman Bianco), São Paulo, Cia Editora Nacional, 1976.

GOLDMAN, Márcio. “Lévi-Strauss e os sentidos da História”. Revista de Antropologia, vol. 42, n. 1-2, 1999. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77011999000100012>

## **NARRATIVAS ETNOGRÁFICAS**

### **Carga Horária (60 horas/aulas)**

Ementa: Críticas ao método etnográfico. Subjetividade e alteridade na produção do conhecimento antropológico. Hermenêutica. Dimensões e implicações políticas do método etnográfico. Leitura, produção e análise de narrativas etnográficas em diferentes suportes.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- GEERTZ, C. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- CLIFFORD, James. Poder e diálogo na etnografia: a iniciação de Marcel Griaule. In: GONÇALVES, J.R.S. (org.) *A experiência etnográfica. Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998a.
- CLIFFORD, James. Trabalho de campo, reciprocidade e elaboração de textos etnográficos: o caso de Maurice Leenhardt. In: GONÇALVES, J.R.S. (org.) *A experiência etnográfica. Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998b.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- CLIFFORD, James; MARCUS, George (orgs.). *A Escita da Cultura. Poética e Política da Etnografia*. Papéis Selvagens, Rio de Janeiro: Edurj, 2017.
- CRAPANZANO, V. Diálogo. *Anuário Antropológico 88*. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.
- GONÇALVES, Marco Antônio. Firth e os Tikopia: a etnografia como experiência. *Novos Estudos*, n. 57, 2000.
- GALLOIS, Dominique T.; CARELLI, Vincent. Vídeo e diálogo cultural – experiência do projeto vídeo nas aldeias. In: ECKERC, Cornélia e GODOLPHIM, Nuno (orgs). *Horizontes Antropológicos 2 – Antropologia visual*. Porto Alegre, EdUFRGS, ano 1, n. 2, jul/set. 1995.
- MAGNI, Claudia Turra. O uso da fotografia na pesquisa sobre habitantes da rua. In: ECKERC, Cornélia e GODOLPHIM, Nuno (orgs). *Horizontes Antropológicos 2 – Antropologia visual*. Porto Alegre, EdUFRGS, ano 1, n. 2, jul/set. 1995.

## **ETNOARQUEOLOGIA**

### **Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa** – A disciplina trata de uma introdução a todas as práticas e reflexões que se estabelecem em torno da interface Arqueologia Ocidental e Sistemas de Conhecimento não-Ocidentais, da Analogia Etnográfica do século XIX até as Arqueologias Indígenas Decoloniais

do século XXI. Trata-se, pois, do choque, do embate, do contato, da comparação, da interação, do diálogo e das trocas entre uma epistemologia ética (ocidental, de fora, olhar etnográfico e arqueológico) e as epistemologias êmicas (conhecimentos internos às sociedades não-ocidentais). Divide-se em 1) Antes da Etnoarqueologia: a Analogia Etnográfica; Precedente Etnográfico; Paralelo Etnográfico; Analogia Etnográfica Indireta/geral; Abordagem Histórico Direta; Relações de relevância; 2) O surgimento da Etnoarqueologia: de estratégia de formulação e teste de hipóteses à subdisciplina arqueológica – Questões Processualistas; 3) O Pós-Processualismo e mudanças epistemológicas e teóricas nos problemas etnoarqueológicos; 4) Depois da Etnoarqueologia: Ecletismo Epistemológico, Decolonização, Multivocalidade e Autonomia dos Regimes de Historicidade; 5) A Etnoarqueologia no Brasil/Amazônia.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- NEVES, E. G. Tradição oral e arqueologia na história indígena do Alto Rio Negro. In: Forline, L. C.; Murrieta, R. S. S.; Vieira, I. C.G. (Orgs.), Amazonia: Além dos 500 anos, Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, pp.71-108, 2006.
- SILVA, F. A. O significado da variabilidade artefactual: a cerâmica dos Asurini do Xingu e a plumária dos Kayapó-Xikrin do Cateté, Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, 2 (1): 91-103, 2007.
- DAVID, N. e KRAMER, C. Teorizando a etnoarqueologia e a analogia. Horizontes Antropológicos, 8 (8): 13-60, 2002.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- POLITIS, G. Foragers of the Amazon: the last survivors or the first to succeed. In: McEwan, C.; Barreto, C.; e Neves, E. (Orgs.), Unknown Amazon, Culture in Nature in Ancient Brazil. London, The British Museum Press, pp.27-49, 2002.
- BINFORD, L. Nunamiut Ethnoarchaeology, Werner Publications, Incorporated, Eliot, 2012.
- SILVA, F. A. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi 4(1):27-37, 2009.
- POLITIS, G. NUKAK: Ethnoarchaeology of an Amazonian People. 2009 Social Science
- WUST, I. 1992 Contribuições arqueológicas, etnoarqueológicas e etno-históricas para o estudo dos grupos tribais do Brasil Central: o caso Bororo. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia 2: 13-26

## **5º PERÍODO**

### **TEORIA ANTROPOLÓGICA IV** **Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Abordagens antropológicas contemporâneas que enfatizam a constituição relacional de seres e coisas e desenvolvem críticas às noções de indivíduo, cultura e sociedade.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

STRATHERN, Marilyn. O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas, SP: UNICAMP, 2013.

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. 3.ed. São Paulo: editora 34.

VIEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

WAGNER, Roy. Existem grupos sociais nas terras altas da Nova Guiné? *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 19: pp. 237-257, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/44988/48600>

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5: pp. 07-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6777/4943>

GOLDMAN, Marcio. O fim da antropologia. *Novos estudos CEBRAP*, n. 89, São Paulo: pp. 195-211, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n89/12.pdf>

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Transformação” na antropologia, transformação da “antropologia”. *Mana*, vol. 18, n. 1: pp. 151-171, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v18n1/a06v18n1.pdf>

## MÉTODOS E TÉCNICAS EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**Carga horária: 120h**

**Ementa:** Apresentar as discussões acerca das potencialidades e limites de métodos de pesquisa em antropologia social. E discutir métodos e técnicas de coleta de dados (observação participante, entrevistas, documentos, história de vida, material audiovisual, etc.), análise e interpretação de dados, trabalho de campo, pesquisa etnográfica, ética e produção de conhecimentos na antropologia.

## BIBLIOGRAFIA OBRIGATÓRIA

BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2011.

FELDMAN-BIANCO, Bela (org). *Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos*. São Paulo: Global, 2010.

ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

DUMONT, Louis. *O princípio comparativo: o universal antropológico (Marcel Mauss, uma ciência em devenir)*. In: O Individualismo: Uma perspectiva antropológica da

- modernidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. pp. 179-236
- SARTH, Cynthia, DUARTE, Luiz Fernando Dias (Orgs.). *Antropologia e ética: desafios para a regulamentação*. Brasília: ABA, 2013. Disponível em: [http://www.portal.abant.org.br/livros/Antropologia\\_e\\_etica\\_desafios\\_para\\_a\\_regulamentacao.pdf](http://www.portal.abant.org.br/livros/Antropologia_e_etica_desafios_para_a_regulamentacao.pdf)
- WEBER, Florence. *A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?*. In: Horizontes Antropológicos, Vol. 15, Núm. 32, 2009. pp. 157-170. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a07.pdf>
- HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. In: Cadernos Pagu, Campinas, Núm. 5, 1995. pp. 7-42. Disponível: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>

## ANTROPOLOGIA NO BRASIL

### Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** Contextualização da produção antropológica e história do pensamento antropológico no Brasil. As influências estrangeiras. Temas de investigação e perspectivas teóricas ao longo dos tempos. A produção antropológica no Brasil e suas relações com a cultura, a política e a história: teorias, ideias e explicações.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CORREA, Mariza. *Traficantes do simbólico & outros ensaios sobre a história da Antropologia*. Editora da Unicamp, 2013.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*.
- SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 3ª Ed. 2011.
- FERNANDES, Florestan. *A Investigação etnológica no Brasil e outros ensaios*. 2ª Ed. rev. São Paulo: Global, 2009.
- RODRIGUES, N. *Os Africanos no Brasil*. São Paulo, Ed. Madras, 2008. Ou [on line. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 2ª Ed.1935. Série V. Brasileira. Coleção Brasileira Eletrônica]
- <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/2/Os-africanos-no-Brasil>
- MELATTI, Julio C. *A Antropologia no Brasil: Um Roteiro*. Universidade de Brasília: Brasília, 2007. [on line]: <http://www.juliomelatti.pro.br/artigos/a-roteiro.pdf>
- SALZANO, Francisco. *Antropologia no Brasil. É a interdisciplinaridade possível?* Amazônica 1 (1): 12-27, 2009. <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/articulo/viewFile/133/221>

## 6º PERÍODO

### ANTROPOLOGIAS CONTRAHEGEMÔNICAS

Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** Crítica da modernidade e colonialidade a partir da periferia. Epistemologias e narrativas antropológicas contrahegemônicas. Autores, questões e contextos dos países do Sul.

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In: \_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997, p.283-350.

SANTOS, Boaventura Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: CES, 2009.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

#### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

RIBEIRO, Gustavo Lins. Antropologias mundiais: para um novo cenário global na antropologia.

**RBCS**, Vol. 21 nº. 60, fevereiro/2006, p. 147-185. Disponível em: [http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/9647/1/ARTIGO\\_AntropologiasMundiais.pdf](http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/9647/1/ARTIGO_AntropologiasMundiais.pdf)

SPIVAK, Goyatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

KOPENAWA, Davi e BRUCE, Albert. **A Queda do Céu. As palavras de um Xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

QUIJANO, Aníbal. Dom quixote e os moinhos de vento na América Latina. **Estudos Avançados**, 19 (55), 2005, p. 09-31. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n55/01.pdf>

PEIRANO, Mariza. Desterrados e exilados: antropologia no Brasil e na Índia. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de; RUBEN, Guillermo Raul (Orgs.). **Estilos de antropologia**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995, p. 13-30.

### TCC I

(Carga Horária 120 h)

**Ementa:** Disciplina organizada a partir de leituras dirigidas com flexibilização bibliográfica, escolhidas pelo discente em acordo com a sua pesquisa e professor-orientador.

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Bibliografia variável definida pelo docente responsável em função do tema de pesquisa do discente.

#### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Bibliografia variável definida pelo docente responsável em função do tema de pesquisa do discente.

## **7º PERÍODO**

### **TCC II**

**Carga Horária (120 horas/aulas)**

**Ementa:** Práticas de pesquisa supervisionada.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

Bibliografia variável definida em função do tema de pesquisa do discente.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

Bibliografia variável definida em função do tema de pesquisa do discente.

## **8º PERÍODO**

### **TCC III**

**Carga Horária (120 horas/aulas)**

**Ementa:** Elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

Bibliografia variável definida em função do tema de pesquisa do discente.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

Bibliografia variável definida em função do tema de pesquisa do discente.

## **DISCIPLINAS OPTATIVAS OBRIGATÓRIAS (I a VII)**

### **Ementa**

Componente de flexibilização curricular. Pode ser cursado conforme preferências e interesses dos discentes por temas específicos na área da Antropologia e de Arqueologia.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

Bibliografia variável definida em função da disciplina escolhida pelo discente.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

Bibliografia variável definida em função da disciplina escolhida pelo discente.

## **DISCIPLINAS OPTATIVAS LIVRES**

### **Ementa**

Componente de flexibilização curricular que pode ser cursado conforme preferências e interesses dos discentes por temas gerais e específicos em qualquer área de conhecimento no âmbito do próprio instituto e de outros institutos da Universidade Federal Oeste do Pará ou, ainda, em outra instituição de ensino superior.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

Bibliografia variável definida em função da disciplina escolhida pelo discente.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

Bibliografia variável definida em função da disciplina escolhida pelo discente.

## **ATIVIDADES COMPLEMENTARES**

### **Ementa**

Atividades complementares são aquelas desenvolvidas sob a forma de programas, projetos, disciplinas, cursos, eventos, prestação de serviços e produção, publicação e outros produtos acadêmicos relacionados às áreas de conhecimento que contribuem para a formação do aluno no campo da Antropologia conformando o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

Não há uma bibliografia básica específica para este componente curricular.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

Não há uma bibliografia complementar específica para este componente curricular.

## **RELAÇÃO DE DISCIPLINAS OPTATIVAS - ANTROPOLOGIA**

### **ANTROPOLOGIA DA ARTE** **Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Discussão sobre arte verbal e visual em contextos não-artísticos, i.e., em contextos nos quais objetos, materiais e imateriais, aos quais se costuma atribuir valor estético, não são produzidos com referência a um campo artístico. Arte, estética e poética nas ciências humanas. A arte em suas múltiplas expressões: música, artes plásticas, artesanato, arte primitiva. Mundos artísticos e não artísticos.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- GEERTZ, Clifford. A arte como um sistema cultural. In: *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. p. 142-181. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LAGROU, E. Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação. Belo Horizonte, C/Arte, 2009.
- LÉVI-STRAUSS. *Olhar, escutar, ler*, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- LATOURE, Bruno. O que é iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagem. In: *Horizontes Antropológicos*. Antropologia e Arte. Porto Alegre, Ed.UFRGS, ano 14, nº. 29, jan/jun. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s0104-71832008000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0104-71832008000100006&lng=en&nrm=iso)
- ALVES, Caleb F. “A agência de Gell na antropologia da arte”. In: *Horizontes Antropológicos*. Antropologia e Arte. Porto Alegre, Ed.UFRGS, ano 14, nº. 29, jan/jun. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832008000100013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000100013)
- VAN VELTHEM, L. *A pele de tuluperê: uma etnografia dos trançados wayana*. Belém, Editora Museu Paraense Emilio Goeldi, 1998.
- LAGROU, Elsje Maria. Antropologia e Arte: uma relação de amor e ódio. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 093-113, jan. 2003. ISSN 2175-8034. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15360/15351>.
- Koch-Grunberg, Theodor. *Começos da arte na selva: desenhos manuais de indígenas colecionados por Dr. Theodor Koch-Grunberg em suas viagens pelo Brasil*. Manaus, Editora EDUA, FSDB, 2009.

## ANTROPOLOGIA DA PERFORMANCE

### Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** Performance como objeto da antropologia. Visões antropológicas de performance, teatro, drama, festa, rito e experiência.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- TURNER, Victor. **Dramas, Campos e Metáforas**. Niterói: Eduff, 2008.
- TURNER, Victor. **Floresta de símbolos - Aspectos do ritual Ndembu** Niterói: Eduff, 2005.
- CAVALCANTI, M.L.; GONÇALVES, R.S. (Orgs.). **As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- PEIRANO, M. “Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance”. **Campos** 7(2):9-16, 2006. Disponível online: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/viewFile/7321/5248>

SILVA, R. A. Entre “Artes” e “Ciências”: A Noção de Performance e Drama no Campo das Ciências Sociais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 35-65, jul./dez. 2005. [online] <http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a03v1124.pdf>

DAWSEY, J. C. O teatro dos “boias-frias”: Repensando a Antropologia da Performance. [online] **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 15-34, jul./dez. 2005.

TURNER, V. Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em Antropologia da Experiência (primeira parte) de. **Cadernos de campo**, n. 13, p. 177-185, 2005. [online] <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50265/54378>>

MÜLLER, Regina Polo. Ritual, Schechner e performance. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 67-85, jul./dez. 2005 [online] [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832005000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000200004)

## ANTROPOLOGIA DA SAÚDE E DA DOENÇA

**Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Diferentes concepções de saúde e doença, bem como diferentes sistemas terapêuticos.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FOUCAULT, Michel. A História da Loucura na Idade Clássica. São Paulo, Perspectiva, 1997.

FONTANELLA, Francisco Cock. O Corpo no Limiar da Subjetividade. Piracicaba, São Paulo. Ed. UNIMEP. 2005.

BARATA, R. & BRICENO-LÉON, R. (orgs.). *Doenças endêmicas: abordagens sociais, culturais e comportamentais*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/45vyc>

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALVES, P.C. & RABELO, M.C. (orgs.). *Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Relume-Dumará, 1998. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/by55h>.

MINAYO, M.C. & COMIBRA JR, C. (orgs.). *Críticas e atuantes: Ciências Sociais e Humanas em Saúde na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/w5p4j>.

LE BRETON, David. Medicina e medicinas: de uma concepção do corpo a concepções do homem. In: *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis, Vozes, 2011: pp. 277-307

DUARTE, Luiz Fernando e LEAL, Ondina Fachel. *Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/yw42p>.

FOUCAULT, M. 1979. A política da saúde no Século XVIII. In *Microfísica do Poder* Rio de Janeiro: Graal, 1979.

## ANTROPOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

### **Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Diferentes noções de desenvolvimento e seus adjetivos. Tensões entre diferentes perspectivas de desenvolvimento.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- CARNEIRO DA CUNHA, Maria Manuela. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. In: Cultura com aspas, Cosac Naify, 2009
- CASTRO, Edna; PINTON Florence. (orgs.). (orgs.). Faces do Trópico Úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente. Belém: Cejup-UFPA-NAEA, 1997.
- FERNANDES, Marciolina e GUERRA, Lemuel (orgs). *Contra-discurso do desenvolvimento sustentável* - 2. ed. rev. – Belém, UNAMAZ, UFPA/NAEA, 2006.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- BAINES, Stephen. “Antropologia do desenvolvimento e a questão das sociedades indígenas”, *Antropológicas*. Ano 8, 15(2), 2004: pp. 29-46.
- DIEGUES, Antonio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo, Hucitec, 1994.
- ENRÍQUEZ, Maria Amélia. *Trajetórias do desenvolvimento: da ilusão do crescimento ao imperativo da sustentabilidade*. Rio de Janeiro, Garamond, 2010.
- INKELES, Alex. *Tornando-se moderno: as transformações individuais ocorridas em seis países em desenvolvimento*. Brasília, Ed. UnB, 1991.
- NEVES, Delma Pessanha (org). *Desenvolvimento social e mediadores políticos*. Porto Alegre, EDUFRGS, 2008.

### **ANTROPOLOGIA ECONÔMICA**

#### **Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Análises antropológicas de fenômenos econômicos em sociedades capitalistas e não-capitalistas. Substantivismo e formalismo. Racionalidade econômica e racionalidade social. Formas de mercado e marginalidade da econômica mercantil. Sistema de trocas monetárias e não-monetárias. Economias de mercado e economias do dom. Economias de prestígio e sociedades de abundância.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- GODELIER, Maurice. A Antropologia Econômica. In: COPANS, Jean et al. *Antropologia: ciências das sociedades primitivas?* São Paulo, Ed. 70, 1971: pp. 219-305.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003: pp. 185-314.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo, Ed. Pioneira,

1999.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- DOUGLAS, Mary. O mundo dos bens, vinte anos depois. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 17-32, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a02v1328.pdf>
- MACHADO, Nuno Miguel Cardoso. Karl Polanyi e o “Grande Debate” entre substantivistas e formalistas na antropologia econômica. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 21, n. 1 (44), p. 165-195, abr. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ecos/v21n1/07.pdf>
- SABOURIN, Eric. Práticas de reciprocidade e economia de dádiva em comunidades rurais do Nordeste brasileiro. *Raízes*, Ano XVIII, Nº 20, novembro/99, pp. 41-49. Disponível em: [http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo\\_26.pdf](http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo_26.pdf)
- NEIBURG, Federico. As moedas doentes, os números públicos e a antropologia do dinheiro. *Mana*, vol. 13, n. 1: pp. 119-151, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v13n1/a05v13n1.pdf>
- STRATHERN, Marilyn. Novas formas econômicas: um relato das terras altas da Paupua-Nova Guiné. *Mana*, vol. 4, n. 1, 1998: pp. 109-139. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v4n1/2428.pdf>

## ANTROPOLOGIA JURÍDICA

**Carga Horária (60 horas/aulas)**

### Antropologia Jurídica

**Ementa:** O Direito sob o enfoque cultural em todas as sociedades, ou a Antropologia como instrumento de compreensão do fenômeno jurídico. Diálogos entre Direito e Antropologia.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BOURDIEU, P. “A força do direito. Elementos para uma sociologia do campo jurídico”. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.
- SACCO, R. **Antropologia Jurídica: contribuição para uma macro-história do direito**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- GEERTZ, Clifford. O saber local: fatos e leis em perspectiva uma perspectiva comparativa. **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 2004.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- DAMATTA, R. Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduos e pessoa no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- CLASTRES, Pierre. **A Sociedade Contra o Estado**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.
- PAULINO, G.S. **Antropologia Jurídica**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2ª edição, 2011.

DAVIS, Shelton (Org.) **Antropologia do Direito: Estudo Comparativo de categorias de dívida e contrato**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

HABERMAS, Jürgen. Tendências da juridicização. **Sociologia**, nº 2, 1987. p. 185-204.

## **ANTROPOLOGIA POLÍTICA**

**Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Abordagens sobre o poder no pensamento antropológico. Estruturas de poder, diferenciação social, ritualização e cultura. Estado e sociedade. Fundamentos de diferentes formas de organização política em diversos contextos históricos e sociais.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

BALANDIER, Georges. *Antropologia Política*. São Paulo, EdUSP, 1969.

MACAGNO, Lorenzo. Uma antropologia do político? *Anál. Social*, Lisboa, n. 210, p. 163-189, mar. 2014. Disponível em

<[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0003-25732014000100011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732014000100011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 09 jan. 2018.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

KUSCHNIR, Karina. *Antropologia da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007,

Disponível: [https://issuu.com/yazmud/docs/antropologia\\_da\\_politica](https://issuu.com/yazmud/docs/antropologia_da_politica)

CLASTRES, Pierre. *A Sociedade Contra o Estado*. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo, Ed. Graal, 2007. (23ª Edição)

LEACH, Edmund R. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo, EdUSP, 1996.

BOURDIEU, Pierre. A delegação e o fetichismo político. In: \_\_\_\_\_. *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, 2004.

## **GÊNERO, POLÍTICA E SEXUALIDADE**

**Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Conceitos e categorias importantes na análise Antropológica tais como: diversidade cultural, os marcadores sociais da diferença, questões de gênero, sexualidade, corpo e racismo. As principais teorias feministas. Hegemonia e relações de gênero. Mudanças históricas e culturais nos papéis sexuais. Gênero, sexualidade e identidade. As esferas pública e privada nas relações de gênero.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: Vol. I e II*. Editora Nova Fronteira, 2009.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*. Rio de

Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Graal, 2001.

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

FRY, Peter e MacRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Estudos feministas**, v. 3, n. 2, p. 464, 2008. (Disponível Online)

SEGATO, Rita Laura. **Os percursos do gênero na antropologia e para além dela**.

Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1998. (Disponível Online)

GONZALEZ, Lelia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências sociais hoje**, v. 2, p. 223-245, 1983. (Disponível Online)

HARAWAY, Donna. Saberes localizados. **Cadernos Pagu**, v. 5, p. 7-41, 1995. (Disponível Online)

## **ANTROPOLOGIA DO GÊNERO**

**Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Antropologia e Gênero, duas disciplinas e um campo?. Importância e impacto dos estudos de gênero na disciplina antropológica. Antropologia do/de gênero. Aprofundar as leituras de gênero sobre as vertentes pós-estruturalistas das teorias de gênero.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

HARAWAY, Donna: “‘Gênero’ para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra”, *cadernos pagu*, 22, 2004

MEAD, Margaret: *Sexo e Temperamento*, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A Família. \_\_\_\_\_. O Olhar distanciado. Lisboa, Edições 70. 1983.

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

CORREA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 16, p. 13-30, 2001.

STOLCKE, Verena. Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade?’, *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 20, 1991)

STRATHERN, Marilyn. O Gênero da Dádiva. Editora Unicamp, 2006.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. HELOISA BUARQUE DE ALMEIDA, JOSE EDUARDO SZWAKO (orgs.). *Diferenças, Igualdade*. São Paulo, Berlendis Editores, 2009.

## **ANTROPOLOGIA URBANA**

## Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** O fenômeno urbano na investigação socioantropológica; fundamentos teóricos de pesquisa nas sociedades complexas.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MAGNANI, José G. C. Festa no pedaço. Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Edunesp, 3ª Ed., 2003.

CASTRO, Edna M. Ramos de Cidades na floresta. São Paulo: Annablume, 2009.

CANCLINI, Nestor G. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In \_\_\_\_\_. Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade. Buenos Aires: Paidós, 2005, pp. 259-318.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BECKER, H. A escola de Chicago. *Mana*, 2[2], 1996, pp.177-188. Rio de Janeiro:

Museu Nacional, 1996. <http://www.scielo.br/pdf/mana/v2n2/v2n2a08.pdf>

MAGNANI, JOSÉ G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.

**Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 49, 2002.

[http://n-a-u.org/novo/wp-content/uploads/2011/11/de\\_perto\\_de\\_dentro.pdf](http://n-a-u.org/novo/wp-content/uploads/2011/11/de_perto_de_dentro.pdf).

SIMMEL, g. As grandes cidades e a vida do espírito. In **Mana**, 11(2): 577-597, 2005  
(www.scielo.br)

SIMMEL, G. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

VELHO, G. Antropologia urbana: encontro de tradições e novas perspectivas. **Sociologia**, problemas e práticas, n. 59, p. 11-18, 2009.

<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n59/n59a02.pdf>

## ANTROPOLOGIA VISUAL Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** Explorar potenciais de articulação entre a produção de conhecimento antropológico, por meio da etnografia em especial, com outras formas de produção de conhecimento e representação da realidade por meio da visualidade. Explorar relações da Antropologia com a fotografia e outras mídias.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CAIUBY NOVAES, Sylvia. “Imagem e Ciências Sociais: Trajetória de uma relação difícil”. In.: Imagem-Conhecimento. Antropologia, Cinema e outros diálogos. Andréa Barbosa, Edgar Teodoro da Cunha e Rose Satiko Gitinara Hikiji (orgs.). Papirus Editora, 2009.
- PEIXOTO, Clarice E. *Antropologia & Imagem: narrativas diversas*. Rio de Janeiro, Garamond, 2011.
- NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas, Papirus, 2005.

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- SAMAIN, Etienne. “Ver” e “Dizer” na Tradição Etnográfica. Bronislaw Malinowski e a Fotografia. *Novos Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 1, nº 2, pg. 23-60, jul/set. 1995. Disponível: <https://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a04.pdf>
- GALLOIS, Dominique e Carelli, Vicenti. 1995 - Diálogo entre povos indígenas: a experiência de dois encontros mediados pelo vídeo, in *Revista de Antropologia*, vol. 38, nº 1, São Paulo, FFLCH/USP, pp.205-259.
- FARIAS. Luiz Castro. 1998 - O Antropólogo e a Fotografia: um depoimento, in *Fotografia. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (Org. Maria Inez Turazzi), Rio de Janeiro, nº 27, pp. 162-169
- ALVES, André Nunes. 1998 - Os argonautas do mangue. Uma etnografia visual dos caranguejeiros do município de Vitória, Dissertação de Mestrado (não publicada) do Programa de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes - UNICAMP.
- BARTHES, Roland. 1976 [Or. Fr. 1961] - A mensagem fotográfica, in *O Óbvio e o Obtuso: ensaios críticos III*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

## **CULTURAS POPULARES E SOCIABILIDADES**

### **Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Conceito de cultura popular: histórico, debates, revisões. Dinâmicas de produção cultural popular. Circularidade da cultura popular. Culturas populares e redes de sociabilidade em jogos, festas, procissões, etc..

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- CHARTIER, R. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 179-192.
- BURKE, P. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. O contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Edunb, 1993.

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- MAGNANI, J. G. C. **Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

- THOMPSON, E. P. Patrícios e plebeus. In: **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 13-85; 25-85.
- BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2006.
- CARVALHO, J.J. “‘Espetacularização’ e ‘canibalização’ das culturas populares na América Latina”. **Revista Antropológicas**, 2010, vol.21 (1): pp. 39-76. (Disponível Online)

## **ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

### **Carga Horária (60 horas/aulas)**

#### **Ementa:**

Os diálogos entre Antropologia e Educação que favorecem a compreensão do fenômeno educativo em suas múltiplas relações com a cultura e a realidade social. Discussão de processos formais e informais de educação em contextos socioculturais diversos.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- WULF, Christoph. *Antropologia da educação*. Campinas, Editora Alínea, 2005.
- DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares: sobre educação e cultura*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2006.
- GERSEM dos Santos, Luciano, Oliveira, Jô Cardoso de, Hoffmann, Maria Barroso. *Olhares Indígenas Contemporâneos*. Editora Centro Indígena de Estudos de Pesquisa. 2010.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- GRUPIONI, Luís D. B. *Olhar longe, porque o futuro é longe: cultura, escola e professores indígenas no Brasil*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. [on line] <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-24082009-170851/pt-br.php>
- LOPES DA SILVA, Aracy e LEAL FERREIRA, Mariana Kawall (org.). *Antropologia, História e Educação – a questão indígena e a escola*. São Paulo: Global, Mari/USP e Fapesp, 2001
- KAHN, Marina e FRANCHETTO, Bruna. “Educação indígena no Brasil: conquistas e desafios”. In.: *Em aberto*, Brasília, ano 14, n. 63, jul/set. 1994. Disponível em: [emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/issue/view/70](http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/issue/view/70)
- BENITES, Tônico. *A escola na ótica dos Ava Kaiowá*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2012.
- GUSMÃO, Neusa Maria M de. *Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados*. São Paulo, Ed. Biruta, 2010.

## **ESTUDOS AFRO-BRASILEIRO I**

### **Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** A problemática racial subjacente à reflexão teórico-metodológica sobre os afrodescendentes. Os debates nos estudos afro-brasileiros. Introdução à geografia e história do continente africano, examinando a diversidade de formas de organização social, política, econômica e cultural, no período anterior à penetração europeia. A instituição da escravidão no contexto

do Atlântico Negro. Os sistemas de dominação colonial e as políticas identitárias na contemporaneidade africana pós-colonial.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- UNESCO, História Geral da África. Vol. IV. A África do século XII ao século XVI. Coordenador D. T. Niane. São Paulo, Ática, 1988. (Disponível on line)
- RAMOS, Arthur. **As culturas negras no novo mundo**. Civilização brasileira, s/a., 1937.
- BÂ, AMADOU Hampate. A tradição viva. **História geral da África**, v. 1, p. 181-218, 1982. (Disponível Online)

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- BELLUCCI, Beluce (Coord.). *Introdução à História da África e da Cultura Afro-brasileira*. Rio de Janeiro: UCAM / CCBB, 2003.
- M´BOKOLO. *África Negra. História e Civilizações, Tomo I*: Salvador, São Paulo: EDUFBA, Casa das Áfricas, 2009. (Disponível Online)
- M´BOKOLO. , *África Negra. História e Civilizações, Tomo II*: Salvador, São Paulo: EDUFBA, Casa das Áfricas, 2010. (Disponível Online)
- BELTRAN, Luis. O Islã, a cultura e a língua árabes na África negra? Afro-Ásia n. 8-9, 1969. (Disponível Online)
- VERGER, Pierre. Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benim e a Bahia de Todos os Santos. Dos séculos XVII ao XIX. São Paulo, Corrupio, 1987.

## **ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS II**

### **Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Pensamento social sobre o negro no Brasil - primeira metade do Século XX: raça, cultura, miscigenação e seus desdobramentos.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- FLORESTAN, Fernandes. *A Integração do negro na sociedade de classes. (1964). Volumes I*. Rio de Janeiro: Globo Editora, 2010.
- FREIRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 51ª edição. São Paulo: Global, 2006.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil* (1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, vol. 19, n. 1, 2006, pp. 287-308. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf>
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Negros, estrangeiros. Os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DOSSIÊ: Ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira. *Revista História Hoje*, vol. 1, nº 1: Agosto de 2011 a Julho de 2013. ANPUH – Brasil, junho de 2012. [Disponível em PDF: <http://rhhj.anpuh.org/ojs/index.php/RHHJ/index>]
- FLORESTAN, Fernandes. O problema do negro na sociedade de classes. In, \_\_\_\_\_. *A Integração do negro na sociedade de classes. (1964). Volumes II*. Rio de Janeiro: Globo Editora, 2010, pp. 415-576.
- PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

## ESTUDOS DO RITUAL E SIMBOLISMO

### Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** Abordagens simbólicas e semióticas da cultura. Os ritos em seus múltiplos planos e seu simbolismo.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas. Ação simbólica na sociedade humana*. Niterói, EdUFF, 2008.
- VAN GENNEP, A. *Os ritos de passagem*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1977.
- DOUGLAS, M. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- TURNER, Victor. *Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói, RJ: EDUFF, 2005.
- TURNER, Victor. *O Processo ritual: estrutura e antiestrutura*. 2.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.
- PEIRANO, Mariza. A análise antropológica de rituais. *Série Antropologia*, n. 270, DAN/UnB. Disponível em: <https://dan.unb.br/images/doc/Serie270empdf.pdf>
- LEACH, Edmund R. O cabelo mágico. Em: DAMATTA, Roberto (Org.). *Edmund Ronald Leach: antropologia*. São Paulo: Ática, 1983: pp. 139-169.
- GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: Notas sobre a briga de galos balinesa. Em: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 2012: pp. 185-213.

## ANTROPOLOGIA DA RELIGIÃO

### **Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Enfoques teóricos para o estudo de discursos e práticas religiosas; religião e magia; debates contemporâneos da antropologia aplicados à compreensão da religião.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GEERTZ, C. A religião como sistema cultural. In *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2012
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- BIRMAN, Patricia. Feitiçarias, territórios e resistências marginais. *Mana*, vol.15, No.2, Rio de Janeiro, Out. 2009, p. 321-348. Fonte:  
<http://www.scielo.br/pdf/mana/v15n2/a01v15n2.pdf>
- GEERTZ, Clifford. “O beliscão do destino: A religião como experiência, sentido, identidade e poder”. In \_\_\_\_\_. *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- HUBERT, H e MAUSS, M. *Sobre a natureza e a função do sacrifício*. In, MAUSS, M. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2009, pp. 141-228.
- PIERUCCI, Antonio Flavio. 2006. A Religião como Solvente – uma Aula. *Novos Estudos do Cebrap*, São Paulo, n. 75, p. 111-127. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/nec/n75/a08n75.pdf>
- MAYR, Lucy. O que é religião?. In, \_\_\_\_\_. *Introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984, pp. 199-218.

### **ORGANIZAÇÃO SOCIAL E PARENTESCO**

#### **Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Conhecer questões básicas do parentesco enquanto via de acesso para o entendimento de outros elementos da vida social. Conhecer abordagens clássicas e contemporâneas de problemas como aliança, descendência, residência, gênero, modelos híbridos e o parentesco frente às novas tecnologias de reprodução da vida.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- LEACH, Edmund Ronald. *As ideias de Lévi-Strauss*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

- RADCLIFFE-BROWN, A. “O irmão da mãe na África do Sul”, In. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O problema da afinidade na amazônia”. Em: *A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios antropológicos*. São Paulo: Cosac Naify, 2002: pp. 87-180.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- LEACH, Edmund R. O nascimento virgem. Em: DAMATTA, Roberto (Org.). *Edmund Ronald Leach: antropologia*. São Paulo: Ática, 1983: pp. 116-138.
- FORTES, Mayer. O ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. *Série Tradução*, n. 5. Brasília, DAN/UnB. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/pdf/serie-traducao/st%2005.pdf>.
- COELHO DE SOUZA, Marcela. Parentes de sangue: incesto, substância e relação no pensamento timbira. *Mana*, vol. 10, n. 1. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v10n1/a02v10n1.pdf>
- GOW, Peter. “Parentesco como consciência humana: o caso dos piro”. *Mana* 3 (2): 39-65, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n2/2440.pdf>
- STRATHERN, Marilyn. Necessidade de Pais, Necessidade de Mães In: *Revista Estudos Feministas* V.3 N.2 . Rio de Janeiro, UERJ/UFRJ, 1995.p. 303 –329. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16443>

## PATRIMÔNIO CULTURAL

### Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** O campo político-institucional do patrimônio, instrumentos de pesquisa, documentação e ação.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- GONÇALVES, J.R. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond: MINC/IPHAN/DEMU, 2007.
- HOBSBAWN, E. & RANGER, T. (orgs.) **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ABREU, R; CHAGAS, M. (Orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- SOUZA FILHO, B.; ANDRADE, M.P. Patrimônio imaterial de quilombolas: limites da metodologia de inventário de referências culturais. **Horizontes Antropológicos** [online]. 2012, vol.18, n.38, pp. 75-99.
- ABREU, Regina. Tal antropologia, qual museu? In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário; SANTOS, Miriam Sepúlveda (Orgs.). **Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- LIMA FILHO, M. ECKERT, C; BELTRÃO, J. (Orgs.). **Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra, 2007.
- MAGNANI J.C.C. A antropologia, entre patrimônio e museus. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 13, 2013. [online] <http://journals.openedition.org/pontourbe/680>

VELOSO, Marisa. O fetiche do patrimônio. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário; SANTOS, Miriam Sepúlveda (orgs). **Museus, coleções e patrimônios**: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

## **POLÍTICAS AFIRMATIVAS E DIREITOS HUMANOS**

**Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Políticas de ação afirmativa como estratégias de fazer valer os Direitos Humanos de diferentes indivíduos e grupos sociais.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

COMPARATO, Fábio Konder. *Afirmção Histórica dos Direitos Humanos*. São Paulo: Saraiva, 7ª Ed. 2011.

LAFER, Celso. *A Reconstrução dos Direitos Humanos. Um Diálogo com o Pensamento de Hannah Arendt*. São Paulo: Cia das Letras, 1ª ed. 7ª Reimp. 2009.

PIOVESAN, Flavia. *Ações Afirmativas sob a Perspectiva dos Direitos Humanos*. In: SANTOS, Sales Augusto do (Org.). *Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas*. Brasília: SECADI/Ministerio da Educação: UNESCO, 2007, p. 35-45. [http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/acoes\\_afirm\\_combate\\_racismo\\_americanas.pdf](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/acoes_afirm_combate_racismo_americanas.pdf)

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

BOBBIO, Norberto. *Direitos do homem*. In: \_\_\_\_\_ *Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos*. Rio de Janeiro: Campus, 2000, p. 475-508.

BARROZO, Paulo Daflon. *A ideia de igualdade e as ações afirmativas*. *Lua nova*, São Paulo, n. 63, p. 103-141, 2004. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n63/a05n63.pdf>

FERES, João; ZONINSEIN, Jonas (Org.). *Ação Afirmativa e universidade: experiências nacionais comparadas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006. Disponível: [https://app.fearp.usp.br/documentos/arquivos/imprensa/livro\\_acaoafirmativa\\_universid/livro\\_acaoafirmativa\\_universid.pdf](https://app.fearp.usp.br/documentos/arquivos/imprensa/livro_acaoafirmativa_universid/livro_acaoafirmativa_universid.pdf)

NOVAES, R.R. & KANT DE LIMA, R. *Antropologia e direitos humanos*. Niterói: EdUFF, 2001. (Disponível on line)

LUCIANO, Gersem José dos Santos. *Os indígenas antropólogos: desafios e perspectivas*. *Novos debates*, Brasília, Vol.2, n.1, janeiro 2015, p. 233-432. Disponível: <http://novosdebates.abant.org.br/images/pdf/v2n1.pdf>

## **POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS**

**Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Os diferentes processos sociais que possibilitaram a constituição dos povos e comunidades tradicionais. Princípios que orientam as relações que povos e comunidades tradicionais mantêm entre si, com o território, com a natureza e com a sociedade envolvente.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Terras de Quilombo, Terras Indígenas, “Babaçuais Livres”, “Castanhais do Povo”, Faxinais e Fundos de Pasto*: Terras tradicionalmente ocupadas. 2 ed. Manaus, PPGSA-UFAM, 2008.
- DIEGUES, A. C. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. “Direitos à Floresta e Ambientalismo: seringueiros e suas lutas”, *RBCS*. 55 (19): 33-53, 2004. Disponível on line .
- BARRETO FILHO, Henyo. Populações Tradicionais: Introdução à Crítica da Ecologia Política de uma Noção. In: ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter (Orgs.). *Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 109-143.
- SOUZA LIMA, Antônio Carlos de & BARRETO FILHO, Henyo Trindade (Orgs.). *Antropologia e Identificação: os antropólogos e a definição de terras indígenas no Brasil, 1977-2002*. Rio de Janeiro, Contra Capa/Laced/CNPq/ FAPERJ/IIEB, 2005.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Universalização e localismo: movimentos sociais e crise dos padrões tradicionais de relação política na Amazônia. In: *Quilombos e as novas etnias*. Manaus: UEA Edições, 2011, p. 15-33.
- ALMEIDA, Mauro William Barbosa de, Direitos à Floresta e suas Lutas: Seringueiros e suas Lutas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 19, n55, 2004. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n55/a03v1955.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n55/a03v1955.pdf)

## **RELAÇÕES INTERÉTNICAS** **Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Abordagens antropológicas sobre as relações entre populações indígenas e não-indígenas. Críticas ao conceito de “aculturação”; os conceitos de “fricção interétnica” e “situação histórica”. Etnicidade. Cosmologias do contato. Abordagens contemporâneas sobre transformações indígenas.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo:

Pioneira, 1976.

RIBEIRO, Darcy. *Os Índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno* / Darcy Ribeiro. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Etnicidade: da cultura residual mais irreduzível.

Em: *Cultura com Aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

P. 235-244.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DINIZ, Edson Soares. Os Tenetehara-Guajajara e a sociedade nacional: flexibilidade cultural e persistência étnica. Belém: Edufpa-Editora da Universidade Federal do Pará, 1994.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. Uma etnologia dos “índios misturados”? situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *Mana*, vol. 4, n. 1: pp. 47-77, 1998.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v4n1/2426.pdf>

POUTIGNAT, Philippe. O domínio da etnicidade: as questões-chave. In: Teorias da etnicidade, seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

ALBERT, Bruce. O ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza. *Série Antropologia*, n. 174. Brasília, DAN/UnB, 1995.

Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie174empdf.pdf>

COELHO DE SOUZA, Marcela S. Uma irritante duplicidade: breve nota sobre a contramestiçagem e os Kisêdjê. *R@U, Revista de Antropologia da UFSCar*, vol. 9, n. 2, jul./dez. 2017: pp. 201-202. Disponível em:

[http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2017/12/12\\_Marcela\\_Stockler.pdf](http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2017/12/12_Marcela_Stockler.pdf)

## ANTROPOLOGIA RURAL Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** Conceitos e teorias do campesinato e do mundo rural. Configurações sociais, diversidades, organizações econômicas e transformações dos mundos rurais. Constituição e debates teóricos acerca do rural e da ruralidade.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

WOLF, Eric. *Sociedades Camponesas*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.

GODOI, Emília Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida De; MARIN, Rosa

Acevedo (orgs.) *Diversidade do Campesinato: Expressões e Categorias:*

*Construções identitárias e Sociabilidades*. São Paulo: Editora, UNESP; Brasília, DF:

Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento. Rural, 2009.

OTÁVIO, Guilherme Velho, *Capitalismo Autoritário e Campesinato: Um estudo comparativo da fronteira em movimento*. São Paulo: Difel, 2 ed. 1979.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- MANDRAS, Henri. *Sociedades Camponesas*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1978.
- LAMARCHE, Hugues - Introdução geral. *A agricultura familiar*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993:13-33.
- HÉBETTE, Jean; MAGALHÃES, Sônia Barbosa; MANESCHY, Maria Cristina (org.). *No Mar, nos Rios e na Fronteira – Faces do Campesinato no Pará*. Belém, Editora da Universidade (UFPA), 2002.
- GARCIA JR, Afrânio R. e HEREDIA, Beatriz Alasia de. Trabalho familiar e campesinato. In: *América Latina*, ano 14, nº ½, jan-jun. 1971, Rio de Janeiro.
- NEVES, Delma Pessanha. Agricultura familiar: questões metodológicas. *Reforma Agrária* Nº2 e 3, Vol. 25, mai-dez 1995. Campinas, Revista da ABRA:21-36
- ALMEIDA, Mauro William Barbosa de, Narrativas Agrárias e a Morte do Campesinato. In: *Ruris*, Vol.1, Núm.2, 2007. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/view/656>

## POVOS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** Panorama etnográfico dos povos indígenas na Amazônia, mostrando as suas cosmologias, sociodiversidade e redes de relações em diversos contextos.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Org.). *Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte amazônico*. São Paulo: Editora UNESP, Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- GALLOIS, Dominique (Org.). *Redes de relações nas Guianas*. São Paulo: Editora Humanitas FAPESP, 2005.
- LIMA, Tania Stolze. *Um peixe olhou para mim: o povo Yudjá e a perspectiva*. São Paulo: UNESP-ISA-NuTI, 2005.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BARCELOS NETO, Aristóteles. *Apapaatai. Rituais de máscaras no Alto Xingu*. São Paulo: EDUSP, 2008
- CALAVIA, Oscar. *O nome e o tempo dos Yaminawa. Etnologia e história dos Yaminawa do rio Acre*. São Paulo: UNESP-ISA-NuTI, 2006.
- COELHO DE SOUZA, Marcela. *O traço e o círculo o conceito de parentesco entre os jê e seus antropólogos*. Tese de doutorado no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 2002.
- FAUSTO, Carlos. *Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo: Edusp, 2001
- VILAÇA, Aparecida. *Comendo Como Gente. Formas do Canibalismo Wari' (Pakaa Nova)*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2017
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *Amazônia: Etnologia e História indígena*. São Paulo: NHII/USP/FAPESP, 1993.

## ANTROPOLOGIAS DA TERRA

### Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** Exploração de diferentes conceitos de ‘espaço’ tal como podem ser aprendidos, em uma perspectiva antropológica, a partir de práticas sociais particulares. Espaço, lugar e paisagem. Abordagem fenomenológica e lugar como espaço vivido.

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- SANTOS, Milton. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1988.
- SAUER, Sérgio; ALMDEIA, Wellington. Terras e territórios na Amazônia: demandas, desafios e perspectivas. Brasília, DF: UNB, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: O poder simbólico. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998, pp. 107-132.

#### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- PACHECO DE OLIVEIRA, João. Uma etnologia dos “índios misturados”? situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *Mana*, vol. 4, n. 1: pp. 47-77, 1998.  
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v4n1/2426.pdf>
- HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. *Revista Território*, ano 2, n. 3: pp. 77-75, 1997.  
Disponível em: [http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/03\\_6\\_holzer.pdf](http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/03_6_holzer.pdf)
- TEISSERENC, Pierre. Ambientalização e territorialização: situando o debate no contexto da Amazônia brasileira. In: Antropolítica. N° 29, 2º sem. 2010, (n.1, 2. Sem.1995) Niterói, EdUFF, 2011.
- CALAVIA SÁEZ, Oscar. O território, visto por outros olhos. *Revista de Antropologia*, vol. 58, n. 1: pp. 257-284, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/102108/100529>
- SANTOS, Milton. O retorno do território. EM: *OSAL – Observatorio Social de América Latina*, ano 6, n. 16, Buenos Aires: CLACSO, 2005, pp. 251-261. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>

## ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA

### Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** Explorar a interface entre a Antropologia e a História. Abordagens, conceitos e concepções, debates e temas. Processos e Estruturas, Diacronia e Sincronia.

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- Geertz, Clifford. **Pessoa, tempo e conduta em Bali. In: A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro : LCT, 2012
- Davis, Natalie Zemon. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2ª Ed. 2001.

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

## **BIBLIOGRAFIACOMPLEMENTAR**

- BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais**. Lisboa: Presença, 5ª Ed. 1986.
- OVERING, J. "O mito como história: um problema de tempo, realidade e outras questões". *Mana. Estudos de Antropologia Social*, 1 (1): 107-40, 1995.
- TAUSSIG, Michael. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem. Um Estudo sobre o Terror e a Cura*. SP: Editora Paz e Terra. 1993.
- CALAVIA SÁEZ, Oscar. O Inca Pano: Mito, História e Modelos Etnológicos. [on line] *Mana*, 6(2):7- 35. 2000.
- WOLF, Eric R. *A Europa e os Povos Sem História*. SP: Ed. da Universidade de São Paulo. 2005.

## **LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS** **Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Bases teóricas da educação inclusiva. A educação Surdos no Brasil. Identidade e comunidade surda. A língua brasileira de sinais: aspectos linguísticos. Língua de Sinais e educação. Exercícios e prática de interpretação.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- BRASIL. Decreto n.o 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.o 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n° 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 2005, Seção 1, n. 246, p.28-30. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)
- BRASIL. Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica / Secretaria de Educação Especial / MEC: SEESP, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>
- CARVALHO, Rosita Edler. *Educação inclusiva: com os pingos nos "is"*. Porto Alegre: Mediação, 2004

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- BRASIL. Lei n.o12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais -LIBRAS. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 02 set. 2010, Seção 1, n. 169, p.1. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm)
- BRITO, Lucinda Ferreira. *Integração social & educação de surdos*. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

SOUZA, R. M. de (org.) **Educação de surdos e língua de sinais**(Número Temático). ETD: Educação Temática Digital. Campinas, v.7,n.2,2006.Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/issue/view/133>

POKER, Rosimar Bortolini. Abordagens de ensino na educação da pessoa com surdez. Disponível em:

[http://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/Libras/mec\\_texto2.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/Libras/mec_texto2.pdf)

SKLIAR, Carlos (Org.). A Surdez, um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

## **LAUDOS E PERÍCIAS ANTROPOLÓGICAS**

**Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Acepções e percepções jurídicas e antropológicas na produção de laudos e perícias antropológicas. Análise de relatórios antropológicos e suas problemáticas.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

BARTH, Fredrik. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

HONNETH. A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

OLIVEIRA, J. P. Instrumentos de bordo: expectativas e possibilidades de trabalho do antropólogo em laudos periciais. In: **Indigenismo e Territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contracapa, 1998.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

O'DWYER, E. C. **O papel social do antropólogo: a aplicação do fazer antropológico e do conhecimento disciplinar nos debates públicos do Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

LIMA, A.C.S e BARRETO, H.T. (orgs.) **Antropologia e identificação. Os antropólogos e a definição de terras indígenas 2 no Brasil 1977-2002**. Rio de Janeiro: Contra-cap/LACED, CNPq, Fapergs, IIEB, 2005.

OLIVEIRA, J.P.; MURA, F.; SILVA, Alexandra B. da (orgs.) **Laudos Antropológicos em perspectiva**. Brasília: ABA, 2015.

HELM, Cecília Maria Vieira. A Etnografia, a Perícia e o Laudo Antropológico nos Processos Judiciais. **Revista Direitos Fundamentais e Democracia**, Curitiba, Volume Temático 9, 2010, p. 08-21. Disponível on line: [www.revistaeletronicardfd.unibrasil.com.br](http://www.revistaeletronicardfd.unibrasil.com.br)

OLIVEIRA, L.R.C. Antropologia e seus compromissos ou responsabilidades éticas. In: Soraya Fleischer e Patrice Schuch [Orgs.]. **Ética e regulamentação na pesquisa antropológica**. Brasília: UNB, 2010.

## ANTROPOLOGIA DA NATUREZA

**Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Abordagem crítica em torno às discussões relacionadas ao conceito de natureza na antropologia, em torno à capacidade de incluir múltiplas subjetividades no mundo e à competência em interrogar-se sobre a produção da ciência. Será oferecida uma introdução às propostas dos pós-humanismos contemporâneos, ao campo das relações interespecíficas e ao desenvolvimento dos conceitos de uma antropologia “para além do humano”.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- LATOURETTE, Bruno. *Jamais fomos modernos – Ensaios de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- STEIL, Carlos Alberto e MOURA CARVALHO, Isabel Cristina de (Org.). *Cultura, percepção e ambiente: diálogo com Tim Ingold*, São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- HARAWAY, Donna. *Manifesto das Espécies de Companhia: Cães, Pessoas e a Outridade Significante*. (Tradução de Sandra M. Gomes). (Trans)EcoQueer, 2003.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BATESON, Gregory. *Mente e Natureza. Uma unidade necessária*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- HARAWAY, Donna e KUNZRU, Hari. *Antropologia do Cyborg. As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- SÁ, José Guilherme da Silva. *No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- TARDE, Gabriel. *Monadologia e Sociologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
- TSING, Anna L. 2015. “Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras”. *Ilha. Revista de Antropologia*, v. 15 (1). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- VALDEN VELDEN, Felipe. *Inquietas Companhias. Sobre os animais de estimação entre os Karitiana*. São Paulo: Alameda, 2012.

## POVOS INDÍGENAS E ESTADO NACIONAL

**Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Povos indígenas, colonialidade e transformações. Políticas de homogeneização e diversidade étnico-cultural. Estado e delimitação de Terras Indígenas no Brasil. Projetos de desenvolvimento e as alternativas indígenas. Indígenas em movimento, lutas sociais e resistências.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ARAUJO, Ana Valéria e outros. *Povos indígenas e a lei dos “brancos”: o direito à diferença*. Brasília: MEC/SECAD, LACED/Museu Nacional-UFRJ, 2006.
- [http://www.trilhaconhecimentos.etc.br/livros/arquivos/CoLET14\\_Vias03WEB.pdf](http://www.trilhaconhecimentos.etc.br/livros/arquivos/CoLET14_Vias03WEB.pdf)

- GARFIELD, Seth. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-Nação na era Vargas. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, V. 20, n. 39, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v20n39/2980.pdf>
- RIBEIRO, Darcy. *Os Índios e a civilização. A integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março 2008, p. 115-147. Disponível: [www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=982](http://www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=982)
- LIMA, Antonio Carlos Souza; BARRETO FILHO, Henyo Trindade (Org.). *Antropologia e identificação: os antropólogos e a identificação de Terras Indígenas no Brasil, 1977-202*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.
- BENGOA, José. ¿Una segunda etapa de la Emergencia Indígena en América Latina?. *Cuad. antropol. soc.*, Buenos Aires, n. 29, p. 07-22, jul. 2009. Disponível: <http://www.scielo.org.ar/pdf/cas/n29/n29a01.pdf>
- LUCIANO, Gersém dos Santos. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível: [http://laced.etc.br/site/Trilhas/livros/arquivos/CoLET12\\_Vias01WEB.pdf](http://laced.etc.br/site/Trilhas/livros/arquivos/CoLET12_Vias01WEB.pdf)
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. *Revista Novos Rumos*, No. 37, Ano 17, 2002. Disponível: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2192/1812>

## HISTÓRIA INDÍGENA E DO INDIGENISMO

Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** Enfoque interdisciplinar, temas e questões que pontuam as presenças e as ações de populações indígenas na História do Brasil. Aprofundar problemas conceituais e metodológicos, a partir de registros históricos, seja textuais, visuais ou orais, como um instrumento de valorização dos povos indígenas ativos e participantes dessa história, capaz de reconfigurar seus interesses e políticas.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: FAPESP: SMC, 1992, p.175-196.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. 2010. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro, FGV.
- FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **Memória do SPI. textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967)**. Rio de Janeiro. Ed. Museu do Índio/Funai, 2011.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- CUNHA, Manuela Carneiro da. 2009. **Por uma história indígena e do indigenismo**.

- In: Cultura com Aspas e outros ensaios. São Paulo. Cosac Naify. P. 125-131.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: "pacificação", regime tutelar e formação de alteridades.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro.** São Paulo, Martins Fontes, 2011;
- WITTMANN, Luisa Tombini. **Ensino (d)e história indígena.** Belo Horizonte, MG. Autêntica, 2015.
- WRIGHT, Robin M. **História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro.** Campinas, SP. Mercado de Letras; Instituto Socioambiental, 2005.

### **ANTROPOLOGIA E LINGUISTICA** **Carga Horária (60 horas/aula)**

**Ementa:** Apresentação de autores, conceitos e discussões relevantes que permitiram a aproximação entre a Antropologia e a Linguística ao longo do desenvolvimento das duas disciplinas, e abordagem de problemas em contexto amazônico analisados na interface entre Antropologia e Linguística.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein, 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 2008[1945]. "A análise estrutural em linguística e antropologia". In: Antropologia Estrutural. São Paulo: Cosac Naify, pp. 43-65.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "Esboço de Cosmologia Yawalapití". In: *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia.* São Paulo: Cosac Naify. p. 17-85, 2002.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- FRANCHETTO, Bruna. "A guerra dos alfabetos: os povos indígenas na fronteira entre o oral e o escrito." *Mana. Estudos de Antropologia Social.* 14(1), p.31-59. 2008
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I.* Campinas: Pontes, 2005.
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente.* Editora UNESP, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Feliz. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia.* Vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 2005. [cap. 4 – "Postulados da linguística"].
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação.* Prefácio de Izidoro Blikstein; tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 24.ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- LEITE, Yonne. "De homens, árvores e sapos: forma, espaço e tempo em Tapirapé". *Mana* 4(2):85-103, 1998.
- SILVA, Márcio. "Linguagem e Parentesco". In: *Revista de Antropologia* vol.42 n.1-2, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999

### **ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA** **Carga Horária (60 horas/aula)**

**Ementa:** Estudos sobre as ciências e sobre as técnicas. Conhecimento científico como resultado da prática dos cientistas. Humanos e não-humanos. Teoria ator-rede. Objetos técnicos, habilidade e acoplamento.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: UNESP, 2000.
- MAUSS, Marcel. "As técnicas do corpo". Em: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003: pp. [399-422](#).
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. 3.ed. São Paulo: editora 34.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- DESCOLA, Philippe. Genealogia de objetos e antropologia da objetivação. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 93-112, dezembro de 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v8n18/19057.pdf>
- SAUTCHUCK, Carlos Emanuel. Aprendizagem como gênese: prática, skill e individuação. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 109-139, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v21n44/0104-7183-ha-21-44-0109.pdf>
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v18n37/a02v18n37.pdf>
- SÁ, Guilherme José da Silva e. "Meus macacos são vocês": Um antropólogo seguindo primatólogos em campo. *Anthropológicas*, ano 9, vol. 16, n. 2: pp. 41-66, 2005. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/view/57/54>
- MURA, Fabio. De sujeitos e objetos: um ensaio crítico de antropologia da técnica e da tecnologia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n. 36, p. 95-125, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v17n36/v17n36a05.pdf>

## **ANTROPOLOGIA E FILOSOFIA**

**Carga Horária (60 horas/aula)**

**Ementa:** Diálogos entre antropologia e filosofia. Leitura de filósofos cuja obra teve influência sobre a produção antropológica.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* 2.ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- CASSIER, Ernst. *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. 2. ed. São Paulo, 1977.
- RUSSELL, Bertrand. *História da filosofia ocidental: pensamento científico*. 4. ed. São Paulo Brasília: Ed. Nacional Ed. UnB, 1982.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos*.

- Lisboa: Martin Claret, 2011.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Filiação intensiva e aliança demoníaca. *Novos Estudos CEBRAP*, vol. 77: pp. 91-126, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n77/a06n77.pdf>
- NEVES, José Pinheiro. Seres humanos e objectos técnicos: a noção de “concretização” em Gilbert Simondon. *Comunicação e Sociedade*, vol. 12, 2007, pp. 67-82. Disponível em: <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1097/1051>
- LÖWY, Michael. A filosofia da história de Walter Benjamin. *Novos Estudos*, vol. 16., n. 45: pp. 199-206. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n45/v16n45a13.pdf>
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 11.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

### **MIGRAÇÕES E MOBILIDADES (Carga Horária 60horas/aulas)**

**Ementa:** Migração como fenômeno sociológico. Mobilidades, redes, fluxos e dinâmicas sociais. Trabalho, globalização, modos de vida e capitalismo.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- SEYFERTH, Giralda. *Imigração e a Cultura no Brasil*. Brasília, Editora UNB, 1990.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. *Guerra Migração e Comercio: os waiãpi na Guiana*. São Paulo, FFLCH-USP, Volume 15, 1986.
- MARX, Karl, *O Capital livro 1. Crítica da Economia Política*. São Paulo, Círculo do Livro, 1996.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras e híbridos: Palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, núm. 3 (1), 1997. Disponível em: [http://nau.ufsc.br/files/2010/09/Hannerz\\_Fluxos-fronteiras-h%C3%ADbridos.pdf](http://nau.ufsc.br/files/2010/09/Hannerz_Fluxos-fronteiras-h%C3%ADbridos.pdf)
- DURHAM, E. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- GODOI, Emília Pietrafesa de. Mobilidades, encantamentos e pertença. *Revista de Antropologia*, vol. 57, núm. 2. 2014.
- WOORTMANN, K. Migração, família e campesinato. In: WELCH, C. A. et al. (Org.). *Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas: v. 1*. São Paulo: Unesp; Brasília: Nead, 2009. p. 217-238
- GARCIA JÚNIOR, A. *O sul: caminho do roçado - estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Editora Universidade de Brasília: MCT: CNPq, 1989

### **ANTROPOLOGIA DA ALIMENTAÇÃO Carga Horária 60h**

**Ementa:** Apresentar aos estudantes os aspectos culturais, sociais e políticos associados à alimentação sob uma perspectiva antropológica, focalizando elementos que conduzem as práticas de consumo alimentar, incluindo os processos de industrialização, massificação das informações e dos hábitos alimentares, especialmente de diferentes faces da região

amazônica, sob uma ótica crítica e questionadora.

## BIBLIOGRAFIA OBRIGATÓRIA

- ALENCAR, Fernando Hélio. *Determinantes e consequências da insegurança alimentar no Amazonas: a influência dos ecossistemas*. In: Acta Amazônica, Vol. 37, Núm. 3, 2007.
- YUYUAMA, Lúcia K. O.. *Segurança/insegurança alimentar em famílias urbanas e rurais no Estado do Amazonas*. In: Acta Amazônica, Vol. 37, Núm. 2, 2007.
- CARVALHO, Luciana R. T. de. *Programa de aquisição de alimentos: a lente bioética na segurança alimentar*. In: Revista Bioética, Vol. 21, Núm. 2, 2013.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- LEITE, M. S. Transformação e persistência: antropologia da alimentação e nutrição em uma sociedade indígena amazônica. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007.  
Disponível em: <http://books.scielo.org/id/q/pdf/leite-9788575412930.pdf>
- CANESQUI, Ana Maria, GARCIA, R.W. (Org.). *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Editora da FIOCRUZ, 2005.  
Disponível: <http://books.scielo.org/id/v6rkd/pdf/canesqui-9788575413876.pdf>
- MINTZ, S. W. *Comida e antropologia: uma breve revisão*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 16, Núm. 47, 2001. pp. 31-41. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n47/7718.pdf>
- FIGUEIREDO, Rodrigo Augusto A. de e BARROS, Flávio B. *Caçar, preparar e comer o 'bicho do mato': práticas alimentares entre os quilombolas na Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho (Pará)*. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências humanas, Vol. 11, Núm. 3, 2016. pp. 691-713  
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v11n3/1981-8122-bgoeldi-11-3-0691.pdf>
- WOORTMANN, E. F. *Padrões tradicionais e modernização: comida e trabalho entre camponeses teuto-brasileiros*. In: MENASCHE, Renata (Org.). *A agricultura familiar a mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007. pp. 177-196. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/consea/publicacoes/agricultura/agricultura-familiar-a-mesa-2013-saberes-e-praticas-da-alimentacao-no-vale-do-taquari/16-agricultura-familiar-a-mesa-2013-saberes-e-praticas-da-alimentacao-no-vale-do-taquari.pdf>

## TEORIA SOCIOLÓGICA II

### Carga Horária (60 horas/aulas)

**Ementa:** Teorias Social Contemporânea. Teorias do signo, símbolo e significado. Indivíduos plurais e trajetórias sociais. Possibilidades e desafios às teorias sociológicas atuais e processos em transição.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo, Ed UNESP, 2004.

BECKER, Howard. *Outsiders.* Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GIDDENS, Antony. **A constituição da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

**FOOTE WHITE, William. Sociedade de esquina. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.**

**DOUGLAS, Mary. Como as instituições pensam. São Paulo: EDUSP, 1998.**

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

[FREITAG, Barbara.](#) **Teoria Crítica Ontem e hoje.** Brasília: Ed. Brasiliense, 2004.

**LAHIRE, Bernard. O Homem plural: os determinismos da ação.** Petropolis, Vozes, 2002.

#### **LABORATÓRIO DE TEXTOS ANTROPOLÓGICOS e ARQUEOLÓGICOS I, II, III e IV**

**Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Disciplina com flexibilização bibliográfica para alunos indígenas e quilombolas, escolhida a partir das disciplinas que o discente apresentar dificuldade no processo de ensino-aprendizagem das disciplinas ofertada no curso.

#### **TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA I, II, III e IV**

**Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Disciplina com flexibilização bibliográfica. A bibliografia vai depender do professor e do tema que será abordado na disciplina, pois, ela dedica a trabalhar temas da Antropologia e, também as interfaces com disciplinas das Ciências Humanas e Sociais.

#### **TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

**Carga Horária (60 horas/aulas)**

**Ementa:** Disciplina com flexibilização bibliográfica. A bibliografia vai depender dos professores e dos temas por eles abordados, priorizando o diálogo entre a Antropologia e a Arqueologia.

## 7.2 PORTARIA DE CRIAÇÃO DO CURSO

PORTARIA Nº 141, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2013 - Autoriza a criação e a oferta do Curso de Bacharelado em Antropologia na sede da Universidade Federal do Oeste do Pará.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
REITORIA

PORTARIA Nº 141, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2013

*Autoriza a criação e a oferta do Curso de Bacharelado em Antropologia na sede da Universidade Federal do Oeste do Pará.*

O Reitor Prò-Tempore da Universidade Federal do Oeste do Pará, no uso da competência que lhe foi delegada pela Portaria nº 1.069, do Ministério de Estado da Educação (MEC), publicada no Diário Oficial da União (DOU), de 11 de novembro de 2009,

### RESOLVE:

**Art. 1º** Fica autorizada a criação do Curso de Bacharelado em Antropologia, com autorização de 100 vagas totais anuais, a ser ofertado na sede da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA.

**Art. 2º** Revoga-se, a partir da presente data, quaisquer disposições em contrário.

**Art. 3º** Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

Reitoria da Universidade Federal do Oeste do Pará

  
José Setúbal Lourenço  
Reitor - UFOPA  
Portaria nº 141/2013, de 19/02/2013